



# **O Gestor, o Órgão Público e a Comunidade:**

**Um estudo das possibilidades de interação entre o  
IFSC Câmpus São Miguel do Oeste e a Vila Nova I**

José Fabiano de Paula



Florianópolis – SC  
2014





**Reitoria:**

Rua 14 de Julho, 150 Bairro: Coqueiros,  
Florianópolis - Santa Catarina  
CEP: 88075-010  
Telefone: (48) 3877-9000 / Fax: (48) 3877-9060  
www.ifsc.edu.br

**Revisão Gramatical:**

Fabiana Hallmann de Paula

**Diagramação e Capa:**

Luiz Henrique Bier Maia

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra.

Catálogo na fonte pelo Instituto Federal de Educação,  
Ciência e Tecnologia de Santa Catarina - IFSC Reitoria

P324g

Paula, José Fabiano de.

O gestor, o órgão público e a comunidade: um estudo das possibilidades de interação entre o IFSC Câmpus São Miguel do Oeste e a Vila Nova I / José Fabiano de Paula. – Florianópolis: Publicações do IFSC, 2014. 63p. : il. color. ; 15 x 21cm.

Também publicada eletronicamente, no formato PDF; disponível em: <http://www.ifsc.edu.br/pesquisa/menu-inst-livros-do-ifsc>

ISBN:978-85-8464-003-4

1. Administração pública – Santa Catarina. I Título.

CDD 352.08164

Ficha catalográfica elaborada por:  
Camila Koerich Burin - CRB 14/969





À minha instituição IFSC por me oportunizar a construção deste sonho.

À família pela segurança e local de acolhimento nos momentos difíceis e de conquistas no transcorrer da vida.





*“O educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os ‘argumentos de autoridade’ já não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas”.*  
FREIRE, 2005.



## APRESENTAÇÃO

Este livro nasceu a partir de uma monografia do Programa de Pós-graduação *Latu Sensu* em Gestão Pública do IFSC em parceria com UAB (Universidade Aberta do Brasil) no pólo de São Miguel do Oeste – SC. Além disso, no ano de 2011 realizamos um projeto de Extensão acerca da (re)construção da memória do Câmpus São Miguel do Oeste escutando os diferentes agentes que acompanharam a construção/ instalação da área edificada no bairro São Luís, entre eles estavam uma parcela dos moradores da comunidade Vila Nova I.

Nesta pesquisa foram organizadas algumas entrevistas com esta Comunidade vizinha. A partir dos questionamentos, constatamos que a maioria dos seus moradores não sabiam qual seria a finalidade daquela “gigantesca obra” (Câmpus do IF-SC) que foi erguida rapidamente ao lado de suas residências.

O imaginário popular encaminhava-se para que as pessoas acreditassem que tratava-se de uma “Escola de Doutor” ou um local “onde só quem tinha dinheiro poderia estudar”.

O sentimento existente era o de exclusão, o que repercutiu, de certa forma, em um processo de alienação, pelo fato de a comunidade não saber o que estava acontecendo “diante de seus olhos”. Contudo, o nosso foco, naquele momento, era verificar se houve ou não participação dos “vizinhos de cerca” na vinda do Câmpus para São Miguel, e não um trabalho de interação direta com eles.

A inquietação e a insatisfação com esta situação fez com que buscássemos mecanismos que viessem a contribuir e possibilitar uma comunicação mais eficiente, através da proximidade com a comunidade local. Essa condição foi refletida pelo fato do nosso Câmpus ter um poder de atuação em 50 municípios que totalizam mais de 200 mil pessoas, mas que não consegue atingir uma Comunidade carente que vive justamente ao lado de seu terreno.

Diante desse fato, aproveitamos o curso que estávamos realizando no IFSC/ UAB e canalizamos esforços, no intuito de obtermos um olhar mais aprofundado acerca da Vila Nova I, com o objetivo de integrar os anseios de um grupo - já marginalizado pela sociedade - à responsabilidade social via educação profissional do Câmpus.

No desenvolvimento desse estudo e, por estar diretamente vinculado à questão da Gestão Pública, sugerimos algumas formas de interação entre o Gestor da Instituição e a Comunidade, respeitando a alteridade dos residentes.



A vida atribulada pelas exigências do mundo globalizado, no qual vivemos e convivemos, acaba por limitar a nossa percepção dos problemas que estão, muitas vezes, diante de nós ou ao nosso lado. E isso se deve, em grande parte, às inúmeras atividades administrativas ou ainda pela necessidade incansável de nos atualizarmos diante das novidades (meio técnico-científico-informacional).

Nesse sentido, além de buscarmos soluções para resolvermos as questões socioeconômicas, não poderíamos esquecer dos fatores culturais-históricos que abarcam a vida local. Assim, não basta apenas lançar propostas prontas, mas entender o cotidiano e a forma como os vínculos afetivos se estabelecem. Podemos viver num mesmo país, num mesmo estado, num mesmo município, porém a noção de pertencimento das pessoas é diferente. Se resido num bairro mais abastado da cidade, acabo por me identificar mais com o grupo que compartilha o mesmo espaço; se resido num bairro mais na periferia, distante do centro, acabo por me identificar mais com esse grupo social.

Dessa forma, a definição de projetos mirabolantes ou bem intencionados muitas vezes não garante que os resultados esperados estejam de acordo com o almejado. Com isso, um Gestor deve ter esta consciência de que precisa muito mais do que teorias e ideias já prontas na ajuda àqueles que mais precisam.

A presente obra pretende discutir acerca de uma situação que pode estar ocorrendo em outras localidades do país: áreas em que os Órgãos Públicos, com seus variados números de Gestores, das mais diferentes formações, comprometem-se no seu papel burocrático, impedidos, muitas vezes, de tomarem a iniciativa e a decisão com relação àqueles que mais precisam de seu auxílio.

Na tentativa dessa experiência local entre a Vila Nova e o Câmpus São Miguel do Oeste enveredamos pelos conceitos de identidade, lugar, educação e gestão que nos subsidiarão na busca de sugestões para o Gestor na intenção de uma maior interação com a(s) Comunidade(s) vizinhas.

O livro ficou dividido em quatro capítulos, sendo que a primeira parte aparece caracterizada como o projeto que deu vida/ sentido a essa obra. Vejamos:

**1 Construindo um projeto.** Refere-se à formulação da proposta, destacando as etapas percorridas como: justificativa, problema, objetivos e procedimentos metodológicos. Espera-se que esta organização possibilite o entendimento do caminho percorrido e dos resultados que o estudo chegou a partir do 3º e 4º capítulos.





**2 A Gestão Pública e a sua intervenção na comunidade.** Trata do aparato teórico que cerceia o papel do Estado e as suas diferentes esferas de atuação na elaboração de políticas públicas concretas. Integra-se a essa parte da pesquisa um estudo espaço-temporal do município e a sua relação com o bairro VILA NOVA I. No mesmo sentido, apresenta-se os dados e as percepções (imaginário) da Comunidade em relação à instalação do Câmpus junto a este grupo identitário.

**3 Uma articulação necessária - a Instituição, o Gestor e a Comunidade.** Apresentamos uma proposta de trabalho dentro dos princípios do diálogo horizontal para a inserção da comunidade dentro do projeto de desenvolvimento local via Câmpus São Miguel do Oeste.

**4 Algumas reflexões.** O capítulo enfatiza o sentimento de se transformar a sociedade a partir de ações locais via Órgãos Públicos, utilizando, para isso, questionamentos que podem ser estendidos aos gestores públicos quanto aos problemas brasileiros.

A proposta visa a produzir uma reflexão acerca dos problemas que estão ao nosso lado, mas não conseguimos, muitas vezes, percebê-los em virtude do volume de trabalho ou da própria forma escamoteada que nos é estabelecida.

Caro leitor, nas páginas seguintes, pretendemos estender a discussão, conscientes de que não existem fórmulas prontas e que, cada comunidade, município e estado possuem normalmente na aparência o mesmo problema, mas na sua essência há muito a nos revelar.





## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>1. Construindo um Projeto .....</b>  | <b>13</b> |
| 1.1 Justificativa .....   | 15        |
| 1.1.1 Definição do Problema .....   | 16        |
| 1.2 Objetivos .....   | 16        |
| 1.2.1 Objetivo Geral .....  | 17        |
| 1.2.2 Objetivos Específicos .....   | 17        |
| 1.3 Procedimentos Metodológicos .....   | 18        |
| <br>  |           |
| <b>2. A Gestão Pública e a sua Intervenção na Comunidade .....</b>  | <b>20</b> |
| 2.1 O Gestor Público .....  | 20        |
| 2.2 O Global e o Local .....  | 22        |
| 2.2.1 O acúmulo desigual do tempo na paisagem da comunidade VILA NOVA .....   | 22        |
| 2.3 A força do Lugar no espaço geográfico .....   | 25        |
| 2.3.1 A Paisagem .....  | 25        |
| 2.3.2 O Território .....  | 29        |
| 2.3.3 O Lugar .....   | 31        |
| 2.4 A Gestão e o Lugar: montando um quebra-cabeças .....  | 33        |
| <br>  |           |
| <b>3. Uma Articulação Necessária - A Instituição, o Gestor e a Comunidade .....</b>   | <b>35</b> |
| 3.1 São Miguel do Oeste: rápidas pinceladas sobre a localização, a sua história e aspectos humanos .....                      | 35        |
| 3.2 A rotulagem contínua: “da COHAB para a VILA NOVA, todos são favelados!” .....   | 41        |
| 3.2.1 O Câmpus e a Comunidade: um início de diálogo horizontal .....  | 42        |
| 3.2.2 A percepção da comunidade acerca do IF-SC Campus São Miguel do Oeste: uma aproximação da realidade via amostragem ..... | 50        |
| 3.2.3 A Gestão, o Câmpus e a Comunidade .....   | 55        |
| <br>  |           |
| <b>4. Algumas Reflexões .....</b>   | <b>58</b> |
| <br>  |           |
| <b>Referências .....</b>  | <b>61</b> |







## 1.CONSTRUINDO UM PROJETO

A sociedade brasileira vem passando por transformações sociais que demonstram um avanço econômico em relação à renda e ao poder de consumo de seus habitantes. Contudo, nem toda população conseguiu usufruir desse relativo progresso, encontrando-se, assim, ainda na contramão da marcha para a ascensão a uma vida digna.

Nesse contexto, atribui-se à Educação um papel fundamental na construção de uma sociedade justa sem distinções, o que faz com que - o Governo Federal defina estratégias de expansão - da Rede Federal de Ensino Profissional e Tecnológico. Uma Instituição que seja capaz de desenvolver diferentes aprendizagens e de produzir conhecimentos locais, a partir da vocação agrícola, industrial ou comercial de que as diferentes regiões brasileiras dispõem.

A interiorização deste tipo de educação promoveu a ampliação - consideravelmente nos últimos anos - dos Câmpus dos Institutos Federais. Audiências Públicas foram instauradas e Prefeituras candidataram-se a sediar estes Estabelecimentos de Ensino através do fornecimento de terreno, terraplenagem, transporte escolar, cadeiras, quadros brancos, entre outros.

Nesta construção, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC) criou a “Fase de Expansão II” que atingiu cidades do norte, nordeste, sul e oeste do estado. Assim, o município de São Miguel do Oeste conquistou um Câmpus destes devido à mobilização regional com a participação de políticos, líderes sindicais e comunitários, comerciantes e Comunidade em Geral.

A área doada pelo município foi no bairro São Luís ao lado da comunidade VILA NOVA I, ou também chamada de “favela”, assim reconhecida por uma parcela da população. O terreno abrange 54.000 m<sup>2</sup> e, ao longo dos anos de 2009 e 2010, a obra foi construída totalizando 6.200 m<sup>2</sup> de área, dotada de banheiros, laboratórios, salas de aula, salas de informática, cantina, salas de administração, auditório, garagem, estacionamento e biblioteca.

Em maio de 2011, o Câmpus foi entregue oficialmente à comunidade, sendo que suas aulas já tinham sido iniciadas em fevereiro do mesmo ano. Os cursos ofertados foram o Técnico em Agroindústria integrado ao Ensino Médio com duração de quatro anos, e os Concomitantes em Agroindústria e Agroecologia, oferecidos àqueles que estavam frequentando o Ensino Médio





em outra Instituição ou que já o tinham concluído. Nesta última, a duração do curso seria de 18 meses.

Os alunos que frequentam as dependências do Câmpus são oriundos de diversos municípios do extremo oeste catarinense. Algumas procedências são as seguintes: Romelândia, São João do Oeste, Guaraciaba, Descanso, Paraíso e Bandeirante. Além da atuação no ensino técnico, o Câmpus, em parceria com a Prefeitura Municipal de São Miguel do Oeste, executa o Projeto: “PROEJA-FIC, em Técnicas de Agricultura Familiar”, no qual se ministram semanalmente duas aulas noturnas relacionadas ao Ensino Fundamental para os agricultores de duas Comunidades Rurais: Canela Gaúcha e Linha Dois Irmãos<sup>1</sup>.

A instituição estabeleceu parceria também com o município de Maravilha para a Formação Inicial e Continuada de uma turma em Técnicas Agropecuárias destinada à produção leiteira. Também criou-se um na área de construção civil e outro em hortifrutigranjeiro implementado no município sede e expandido para Itapiranga.

O processo de divulgação do Câmpus busca sua clientela através de visitas às Escolas em toda a Microrregião de São Miguel do Oeste. Também houve contatos com os sindicatos e associações a fim de atrair alunos para os cursos, oferecendo, assim, ensino gratuito e de qualidade para todos aqueles que tivessem interesse em participar.

As atividades relacionadas à Pesquisa e Extensão são realizadas através dos projetos elaborados pelos professores que atuam nas áreas de Produção Alimentícia e Recursos Naturais. O desenvolvimento destas proporcionam avanços na cultura agrícola, como também no estímulo da formação de pequenas agroindústrias baseadas na criatividade e na demanda local<sup>2</sup>. Muitos alunos atuam como bolsistas, recebendo, assim, auxílios financeiros. O Câmpus também oferta uma ajuda de custo para todos aqueles que quiserem se candidatar a este auxílio, desde que comprovem devidamente a sua carência.

A participação do Câmpus no desenvolvimento da região do extremo oeste catarinense é essencial para a evolução desse arranjo espacial a nível nacional. Pensando-se na qualificação dessa mão de obra e na oportunidade de se produzir um ensino profissional cidadão ofertado a esses jovens e

---

1 Destaca-se que os alunos não vem até o Campus. Dessa forma, os docentes se deslocam até às Escolas do Campo para ministrarem as aulas.

---

2 Nota-se que o IF-SC também busca qualificar os estudantes através do curso Técnico em Agroindústria: mão de obra essa necessária e absorvida pelas Empresas do ramo alimentício do extremo oeste catarinense.





adultos. Cria-se, então, a possibilidade de se ascender socialmente.

Porém, da mesma forma que esse Estabelecimento de Ensino dispõe deste projeto, ele também torna-se incoerente no momento em que se defronta com uma realidade local vizinha, na qual os moradores da comunidade VILA NOVA I – vizinhos de cerca - vivem sob a rotulagem de “favelados”.

### 1.1. Justificativa

A comunidade VILA NOVA I, vizinha ao Câmpus, precisa de uma intervenção pública com ações concretas que incentivem a prática de hábitos e costumes relacionados a uma aprendizagem constante que percorra por diferentes caminhos<sup>3</sup> a fim de ajudá-los a se tornarem cidadãos inseridos e comprometidos com o progresso social nacional.

A partir de uma pesquisa realizada sobre o histórico do câmpus em dezembro de 2011, constatamos que os moradores entrevistados adquiriram um imaginário popular, em que seus sentimentos e significações negativas acerca do Câmpus foram estimulados inconscientemente pela própria questão física (topográfica), isto é, pelo Estabelecimento de Ensino que se projeta acima deles como se fosse “algo inatingível”.

Essa interação é incentivada por uma segregação social, pois quando comparamos as humildes casas com a Escola Técnica surge uma distinção do espaço onde um se manifesta por uma infraestrutura moderna e a outra caracterizada por um conjunto de residências simples e homogêneas do ponto de vista arquitetônico (ver FIGURA - 1, p. 50).

Para tanto, Carlos (1994) endossa nossa reflexão quando discute que: “*o choque é maior quando se observa as áreas da cidade destinadas à moradia. É aqui que a paisagem urbana mostra as maiores diferenciações, evidenciando as contradições de classe*” (p. 42). Aqui se manifesta um distanciamento entre a Comunidade, o Instituto e a sua realidade, pois através de um poder vertical, construiu-se da noite para o dia uma Unidade, cujos mentores nem lhes referenciaram acerca dos propósitos de tal Instituição, tampouco abriram um espaço para que pudessem democratizar um diálogo sobre os reais interesses da Comunidade Local.

A baixa estima e a alienação adquiridas com a mudança da paisagem proporcionou-lhes um sentimento de não pertencimento às mudanças

---

<sup>3</sup> Oportunidade de estudo, geração de renda, desenvolvimento sustentável do local, melhoria da autoestima, reconhecimento das mudanças ocorridas no espaço, entre outros que proporcionem a aquisição de direitos e deveres como cidadãos.





ocorridas no espaço geográfico. Inclusive, muitas famílias desconhecem a possibilidade de se beneficiarem ao usufruírem das instalações deste Câmpus junto às suas residências<sup>4</sup>.

Daí a necessidade de se estabelecer uma metodologia de interação e pertencimento com a comunidade local. Isso garantirá o acesso às informações via cursos e também através de um trabalho de conscientização do bem público como pertencente a eles, sem distinção.

É por meio de uma metodologia eficiente, voltada ao estudo acerca da comunidade local, que o Gestor Público obterá uma melhor percepção dos fatos. É necessário que o mesmo estabeleça estratégias de aproximação que estejam dentro de parâmetros que possam interagir e integrá-los de fato ao Câmpus, caso desejem.

Portanto a nossa pesquisa também busca encontrar uma metodologia que poderia ser empregada pelo Gestor Público do IFSC, Câmpus São Miguel do Oeste, na tentativa de contribuir e fazer o seu papel estratégico, via educação, na incorporação da comunidade do entorno a um projeto de melhoria de vida. Com isso, pretendemos que essa metodologia atenda aos anseios das pessoas pertencentes a essa comunidade chamada VILA NOVA I, tornando-se, assim, parte extensiva do Câmpus.

### 1.1.1 Definição do Problema

Como a Instituição administrada pelo Gestor Público pode ajudar a comunidade do entorno – neste caso, a VILA NOVA I de São Miguel do Oeste - a ascender socialmente, levando em consideração o papel da Educação Profissional neste contexto?

## 1.2. Objetivos

O nosso estudo parte da interação entre a VILA NOVA pertencente à área urbana de São Miguel do Oeste e o Câmpus do IF-SC, instalado ao lado desta comunidade. Tal pesquisa nasce do pressuposto que foi construído um Câmpus ao lado de uma localidade “pobre economicamente”.

---

<sup>4</sup> Através de uma pesquisa sobre o histórico do Campus notou-se a total desorientação destas pessoas quanto ao Instituto imaginando que a Unidade é Privada.





O Instituto já está em funcionamento há mais de três anos,. Oferece os cursos técnicos Concomitantes de Agroindústria e Agroecologia, bem como o de Agroindústria Integrado ao Ensino Médio a toda população regional (abrangendo a área de Itapiranga – Sul - até Dionísio Cerqueira - Norte).

Esse fato revela que a função social do Câmpus é fornecer/ habilitar as pessoas marginalizadas ou excluídas de uma profissão, a adquirirem a mesma para que possam ascender socialmente e dignamente em suas vidas. Sendo assim, precisa-se, sempre que for instalada uma Instituição Pública (conforme sua atividade), do envolvimento e da participação destas pessoas que residem no entorno da sede para que estejam conscientes não só da mudança de paisagem, como também de seus direitos, para que, dessa forma, sintam-se beneficiadas e parte dessa transformação.

Para alcançar essa hipótese, traçamos o Objetivo Geral e os Objetivos Específicos conforme a sequência abaixo:

### **1.2.1 Objetivo Geral**

Construir uma proposta que promova a integração entre a VILA NOVA do município São Miguel do Oeste-SC e o Câmpus do IF-SC situado ao lado desta Comunidade Local.

### **1.2.2 Objetivos Específicos**

- Conhecer a realidade local da Comunidade onde a Instituição Pública está inserida;
- Propor o aumento do vínculo da Instituição com a comunidade local através de cursos FIC e trabalhos de conscientização e prevenção sobre a necessidade de avançar educacionalmente;
- Analisar as diferentes percepções da Comunidade acerca da Instituição Pública;
- Realizar questionários sobre a Comunidade do entorno apontando indicadores socioeconômicos da sua realidade;
- Reconhecer os anseios e o que a Instituição Pública, por intermédio de seu Gestor, pode fazer para contribuir no desenvolvimento social da Comunidade.





### 1.3. Procedimentos Metodológicos

A atividade de pesquisa acerca da Comunidade Local do entorno do Câmpus São Miguel do Oeste precisa enveredar pelos conceitos de lugar, território e paisagem que são discutidos com propriedade na área da Geografia. Entre os seus principais expoentes encontramos Milton Santos que, além de debater esses arranjos espaciais, subsidia-nos com explicações sobre horizontalidade e verticalidade no que se refere às decisões econômicas/políticas e à manipulação do poder.

A Globalização e o seu confronto com as identidades minoritárias também são lembrados por Santos (2003) quando manifesta que *“quando o homem se defronta com um espaço que não ajudou a criar, cuja história desconhece, cuja memória lhe é estranha, esse lugar é a sede de uma vigorosa alienação”* (p. 263).

A obra de Stuart Hall (2006) intitulada “A identidade cultural na pós-modernidade” nos auxiliou, bem como a concepção de Santos, na compreensão das características básicas desta comunidade do ponto de vista de hábitos/ costumes particulares associados à sua formação cultural do ponto de vista sociológico.

A técnica da História Oral foi empregada com a realização de questionamentos a uma parcela deste bairro. A metodologia de entrevista foi elaborada a partir do livro “Manual de História Oral” de José Carlos S. B. Meihy (1996) que trata dos diferentes tipos de pesquisa com a utilização de perguntas às pessoas envolvidas.

Dessa forma, os autores acima citados serviram de embasamento teórico para a construção da monografia no intuito de permear discussões sobre identidade, horizontalidade, globalização, lugar e paisagem. Outro tema que devemos mencionar e do qual trataremos ao longo desta monografia é o da Gestão Pública e do seu administrador. Nesse sentido, consideramos a obra “Gestão Pública” (2006) como também “Ética na Administração Pública Federal: a implementação de comissões de ética setoriais – entre o desafio e a oportunidade de mudar o modelo de gestão” (2010) no intuito de apresentar possíveis ações que possa desencadear, através de um ato do Gestor Público, a promoção e a inter-relação entre a Comunidade e o Órgão Público.

A responsabilidade do Gestor em ter um olhar abrangente para fora dos muros da Instituição, onde desenvolve suas atividades, faz-se necessária para a compreensão do todo. Neste contexto, analisam-se os moradores e quais as possibilidades de interação destes com o Estabelecimento, não apenas através do seu imaginário ou da observação, mas através do exercício da prática com a sua inserção.





Diante dos diferentes tipos de Educação, Paulo Freire (1996) e Maria da Glória Gohn (1999) podem explicar os ensinamentos no campo formal, informal e não-formal na tentativa de se encontrar uma proposta de interlocução entre o Câmpus São Miguel do Oeste e a comunidade local. Na parte de contextualização histórica, utilizamos o livro de Adriano L. Da Silva (2010) que retrata as origens de formação do bairro e como ele era percebido pelos demais migueloestinos.

Com esse embasamento bibliográfico e teórico, “costuramos” as partes integrando-as para subsidiar o processo de construção deste livro. Dessa forma, estabelecemos uma pesquisa que recorreu a livros, documentos e a relatos orais que “perseguem” diretamente o problema de um trabalho de pós-graduação *Latu Sensu* que, por si só, perambula pelas áreas da Ciências Humanas (História, Geografia e Sociologia) e Sociais Aplicadas (Administração e Economia).





## 2. A GESTÃO PÚBLICA E A SUA INTERVENÇÃO NA COMUNIDADE

Na busca de uma base teórica clara, é preciso ter em evidência alguns conceitos que estarão presentes em toda a pesquisa, ora subentendidos, ora ressaltados. Tais conceitos têm o propósito de definir informações que são fundamentais à compreensão das alternativas que um Gestor Público, mais especificamente, da área da educação, possa usufruir para auxiliar na solução ou minimização dos problemas contemporâneos enfrentados pelo Estado.

### 2.1. O Gestor Público

O debate inicial deste capítulo perpassará o significado de Gestor Público e se encaminhará para um diálogo em torno da comunidade e da própria história na qual está socialmente inserida. Essa identificação se faz necessária, para realizarmos apontamentos que visem a uma aproximação maior entre um Diretor de um Estabelecimento de Ensino e um bairro periférico do município de São Miguel do Oeste.

O nosso entendimento sobre Gestão é comumente partilhado com aquele encontrado no dicionário Aurélio: “*ato ou efeito de gerir; gerência*” (AURÉLIO, 2002, p. 433) que somado ao Público, depreende o significado de se administrar o órgão, o setor ou os bens pertencentes ao Estado.

Contudo, existem autores que questionam o fato de se considerar “Gestão Pública” e “Administração Pública” expressões sinônimas. Dessa forma, não nos deteremos a discutir esta diferenciação, optando então por considerá-las com o mesmo sentido. Tal posicionamento segue a interpretação de Maria L. Malmegrin (2010) quando diz que “*o termo **gestão** é sinônimo de **administração** e significa um conjunto de princípios, de normas e de funções que têm por fim ordenar os fatores de produção e controlar a sua produtividade e a sua eficiência para obter determinado resultado*” (p. 14).

A busca da eficácia, da eficiência e da efetividade são objetivos perseguidos por um Gestor que visa a atingir um rendimento no mínimo satisfatório de seu empreendimento, seja ele público ou privado.

No passado, esta ideia, a Gestão, embora não fosse conhecida com este nome, aproximava-se do Patrimonialismo, prática esta realizada por governos totalitários e autoritários em que o Rei ou Chefe da Nação







empregava a máquina pública como mecanismo de aquisição de renda particular ou de sua família.

A nossa pesquisa trata da esfera pública e, por isso, um Gestor recebe atribuições que devem suprir as demandas exigidas por um mercado que, de preferência, não seja totalmente financeiro, mas que seja também de atendimento a uma sociedade ou comunidade local, empregando, assim, a legalidade, a justiça e o bom senso nas suas decisões.

Dessa forma, busca-se uma Administração Pública Gerencial, conforme Edson R. Nascimento (2010), em que ela “*orienta-se para resultados; é voltada para o cidadão; combate o nepotismo e a corrupção; não adota procedimentos rígidos; define os indicadores de desempenho; utiliza contratos de gestão*” (p. 10).

A Gestão Pública, na nossa perspectiva, merece uma identidade própria que venha a promover um diálogo transdisciplinar entre os diferentes conhecimentos (Administração Geral, Economia, Sociologia, História, Geografia...). Tal reflexão encontra amparo no fato de os órgãos públicos serem carentes de profissionais que tenham uma visão mais aguçada acerca dos reais problemas enfrentados por sua Instituição, da mesma forma que a população anseia através de seus serviços prestados.

O Gestor Público reconstrói-se em um profissional que precisa preocupar-se com a consolidação de um Estado Necessário<sup>5</sup>. A sua formação deve tentar uma junção entre o social e o econômico, tornando, assim, as políticas públicas viáveis para as sociedades. A sua consciência deve estar pautada na promoção do bem comum, sabendo-se que o acréscimo de práticas ilegais não legitima a sua existência.

A complexidade e, ao mesmo tempo, a responsabilidade para atuar como Gestor Público exigem a sensibilidade para se entender as necessidades locais e regionais, pois, caso haja uma má interpretação dos fenômenos que ocorrem no espaço, o trabalho realizado pode causar prejuízos irreparáveis.

Nesse sentido, a Comunidade que se localiza ao lado do IFSC, Câmpus São Miguel do Oeste, precisa de um olhar especial. É relevante que este Estabelecimento de Ensino possa atuar na área da Educação Profissional para o progresso social da Comunidade.

---

<sup>5</sup> Refere-se ao atendimento das classes excluídas de Políticas Públicas veiculadas à alimentação, transporte, moradia, saúde, educação, comunicação, entre outros.





*No contexto dos países em desenvolvimento, a necessidade de iniciativas da política pública na criação de oportunidades sociais tem importância crucial. [...], no passado dos atuais países ricos encontramos uma história notável de ação pública por educação, serviços de saúde, reformas agrárias etc. O amplo compartilhamento dessas oportunidades sociais possibilitou que o grosso da população participasse diretamente do processo de expansão econômica (SEN, 2004, p. 170).*

O Governo Federal implementou Políticas Públicas que envolveram a ampliação e expansão dos Institutos Federais pelo interior do Brasil como medida macroestrutural. Agora dentro das suas microsferas cabe aos Diretores/ Gestores a tarefa de desenvolverem ações concretas que auxiliem, via educação, na ascensão social, das populações regionais e locais, dentro de uma Gestão Pública.

## **2.2. O Global e o Local**

O nosso local de estudo é a comunidade **COHAB** ou **VILA NOVA I**, no município de São Miguel do Oeste. Para conseguirmos traçar uma veiculação entre o Gestor Público já comentado anteriormente e o bairro em questão, precisamos discutir conceitos como Globalização, identidade, território, lugar e paisagem.

### **2.2.1 O acúmulo desigual do tempo na paisagem da Comunidade**

#### **VILA NOVA**

A Globalização historicamente construída tem suas origens nas grandes navegações quando o mundo tornou-se menor pelo descobrimento do Novo Continente (América). Com o advento de novas tecnologias, desde a criação da bússola e das grandes Caravelas e chegando nos dias atuais, diminuiu-se ainda mais as distâncias entre os países e suas populações. Alguns dos meios mais eficientes foram o sistema de transportes (aéreo, marítimo, rodoviário e ferroviário), bem como da comunicação (Correios, Telefone sem Fio, Internet) que receberam grande impulso. Porém, nem todos conseguem apropriar-se das vantagens oferecidas pelo mercado.

Com relação à Globalização, “a velocidade apenas está ao alcance de um número limitado de pessoas, de tal forma que, segundo as possibilidades de cada um, as distâncias têm significações e efeitos diversos e o uso do mesmo relógio não permite igual economia do tempo” (SANTOS, 2003, p. 41).





Conforme revela Santos (2003), pensar que todas as pessoas possam aproveitar os novos ventos tecnológicos seria utopia, pois as desigualdades sociais em termos globais estão muito distantes do ideal de equidade. Pensar no poder consumista dos estadunidenses comparado a algumas dinâmicas tribais africanas ainda perpetuadas e que são abaladas seguidamente por escassez d'água e alimentos, por si só, demonstra as disparidades injustas, históricas e persistentes existentes no Planeta.

Diante de tudo isso, existe ainda comunidades locais que resistem a essa modernidade que emprega os veículos de comunicação para impregnar hábitos e costumes diferentes daqueles construídos socialmente. A forma mais comum de se lutar contra essa homogeneização do mundo pelos grupos existentes é a valorização de uma identidade que, por sua vez, estimula a manutenção da etnia dentro da cultura local.

O que pretendemos dizer refere-se ao fato de existirem grupos que repudiam as campanhas mercadológicas representadas nas marcas internacionais como: *Coca-cola*, *General Motors*, *Elma Cheeps*, entre outras. Como podemos perceber determinadas comunidades negam o mundo globalizado “sem fronteiras” para a conservação dos valores construídos localmente. O exemplo mais típico de resistência é o mundo islâmico que, através da religião (Fundamentalismo) impõe uma integração cultural de embate contra aquela desejada pelo Ocidente.

A tentativa de homogeneização cultural e de consumo em massa de objetos técnicos produzidos em série pelo mercado são provocações realizadas com afincos pelas empresas transnacionais podendo assim, repercutir na consciência de identificação que o cidadão tem de si mesmo. Para entender melhor isso, Stuart Hall (2006) expõe o seguinte:

*No interior do discurso do consumismo global, as diferenças e as distinções culturais, que até então definiam a identidade, ficam reduzidas a uma espécie de língua franca internacional ou de moeda global, em termos das quais todas as tradições específicas e todas as diferentes identidades podem ser traduzidas. Este fenômeno é conhecido como 'homogeneização cultural' (p. 76).*

Além desta situação existem também aqueles desprovidos de informação e carentes de renda que acabam por não dispor de conhecimento suficiente para alcançar as novas tecnologias expostas no mercado, contrapondo-se, assim, a uma elite que consome mais do que realmente precisa. Acentua-se, “ainda





*mais, o papel dependente na ordem mundial dos países pobres, condenado-os a simples provedores de matérias-primas ou recursos naturais ainda não explorados, insumos para a indústria globalizada” (ZARUR in ARVELO-JIMÉNEZ, 2000, p. 27).*

Na nossa visão existem vários tipos de influência da Globalização no mundo atual, entre elas destacamos quatro: aquela que aliena, homogeneiza, que esfacela culturas e tradições; aquela que fortalece ainda mais as culturas locais por não concordarem com os ditames das Empresas e Estados de economia planificada; aquela que oportuniza informação rápida e tecnologia para todos aqueles que possuem recursos para usufruir; e, por fim, aquela que exclui as populações por não poderem adquirir informações e tecnologia pela condição socioeconômica desfavorável em que se encontram.

Nesse contexto essas situações evidenciam-se mundialmente e, no nosso caso, percebe-se no funcionamento interno das cidades. No município de São Miguel do Oeste não é diferente, sendo, dentre as quatro, a última a mais visível quando a comparamos com a Comunidade VILA NOVA I. Nessa comunidade, as pessoas, mesmo que tivessem interesse em acompanhar a dita “evolução global”, não teriam condições de participar por estarem despojadas socialmente de políticas públicas que lhes pudessem proporcionar uma vida com dignidade: com educação, com trabalho, com saúde e com ética para com seus semelhantes e o ambiente do qual fazem parte.

O Local distancia-se do Global, não por iniciativa como o Fundamentalismo Islâmico comentado anteriormente, mas por não ter condições de acompanhar o avanço tecnológico. A sua identidade mantém-se mais pela escassez de recursos do que por opção. Milton Santos (2003) chamaria esta comunidade de “lentos”. Porém ser lento também não é sinônimo de negativo, quando comparado à manutenção das relações pessoais e da diferença que se constitui entre o grande grupo homogêneo que o Planeta está se transformando e essa comunidade que possui a sua própria identidade. Contudo, essa identidade deveria ser construída pela consciência e não pela pobreza que lhes consome.

Dessa forma, este tipo de identidade reelaborada (sentimento de pertencimento a um grupo de pobres) não é a ideal. A alternativa mais viável é a educação profissional adaptada ao nível de conhecimento em que essas pessoas se encontram, já que muitos são desempregados ou atuam no trabalho informal. Amartya Sen (2004) lembra que “*o desemprego contribui para a ‘exclusão social’ de alguns grupos e acarreta a perda de autonomia, de autoconfiança e de saúde física e psicológica*” (p. 36).





Na tentativa de explorarmos ainda mais a diferença entre o Global e o Local é necessário compreendermos o espaço em que essas pessoas estão inseridas. Para isso, Lugar, Território e Paisagem são palavras que podem proporcionar uma significação importante sobre a Comunidade VILA NOVA I.

### 2.3. A força do Lugar no espaço geográfico

No estudo do espaço geográfico, existem alguns níveis de abstração para se interpretar os fenômenos que ocorrem nele. O emprego destes níveis varia de acordo com as características que pretendemos destacar para cada tipo de estudo. Assim, existem conceitos como território, lugar, paisagem, ambiente e região. Na nossa pesquisa achamos pertinentes explorarmos Os três primeiros termos por acreditarmos ser conceitos que podem nos ajudar na análise da comunidade VILA NOVA I.

#### 2.3.1 A Paisagem...

O termo paisagem refere-se a tudo aquilo que percebemos no espaço geográfico. Ela ultrapassa o campo da visão/ observação e chega nos demais sentidos como olfato, tato, audição e paladar. O exemplo mais claro seria, caso considerássemos uma foto de uma propriedade rural e, olhássemos achando o espaço belo pela organização, flores e formato do relevo. Contudo, a percepção vai além da imagem analisada, pois caso fôssemos até o local, verificaríamos que existe um mal cheiro proveniente de uma Agroindústria que se localiza à 300 metros do sítio e que não se consegue perceber na foto. Assim, constata-se que vai além daquilo que os nossos olhos querem dizer. Quem reforça a ideia é Milton Santos (1991) quando diz que

*a dimensão da paisagem é a dimensão da percepção, o que chega aos sentidos. Por isso, o aparelho cognitivo tem importância crucial nessa apreensão, pelo fato de que toda nossa educação, formal ou informal, é feita de forma seletiva, pessoas diferentes apresentam diversas versões do mesmo fato (p. 62).*

Os (pré)conceitos que cada um de nós adquiriu ao longo da nossa história induzem à apreensão daquilo que sentimos. Portanto, a análise de um





local como a VILA NOVA, por exemplo, seria diferente entre a percepção de uma Assistente Social e de um Engenheiro de Alimentos.

A paisagem existente na comunidade possui inúmeras facetas que ocorrem conforme meses do ano, dias da semana ou horário. Essa paisagem constrói-se pelo ritmo que as pessoas impõem ao espaço onde residem. Assim, no horário que antecede o meio-dia é comum verificar o tradicional chimarrão ser consumido nas residências, seja na frente da televisão ou nas áreas que se encontram em suas fachadas ou ainda na pequena sombra gerada pela residência ou pela árvore no pátio.

As pessoas e suas relações com a sociedade revelam ritmos diferentes ao longo do espaço e do tempo de cada um. Assim, a *“observação da paisagem urbana depreendem-se dois elementos fundamentais: o primeiro diz respeito ao ‘espaço construído’, imobilizado nas construções; o segundo diz respeito ao movimento da vida”* (CARLOS, 1994, p. 40).

A paisagem também pode abrigar vários tempos ao mesmo tempo. Tal possibilidade é visível encontrar quando comparamos uma casa antiga oriunda da década de 40 ao lado de um Edifício com vários andares. Milton Santos (2003) caracterizaria essa reflexão como o acúmulo desigual do tempo. Não distante a isso, o nosso estudo trata de um projeto de habitação para pessoas de poder de aquisição baixa concluído e ocupado no final de 2006. Ao seu lado, em março de 2011, uma Instituição de Ensino Técnico e Tecnológico foi entregue à comunidade, sendo sua construção ocorrida entre 2009 e 2010.

Na junção das duas paisagens criou-se uma nova, em que o “movimento da vida” alterou-se. Dizemos isso porque era comum as pessoas utilizarem a área do Campus para se deslocarem até o centro encurtando a distância. Outra situação também percebia-se com o futebol e brincadeiras realizadas pelas crianças no interior do Instituto. Com a sua instalação e o seu cercamento criou-se uma barreira entre um e outro.

A paisagem é sempre composta por elementos técnicos e elementos naturais. No trabalho, a área verde, o córrego Guamirim que limita-se aos fundos do Câmpus como também as árvores e o solo vermelho são considerados elementos naturais que encontram-se tanto na Comunidade como no terreno do IFSC. Já os elementos técnicos como os postes de energia elétrica, os calçamentos, os prédios e o próprio cercamento representam aquilo que foi modificado e construído pela mão humana.

A paisagem agora justaposta, embora seja uma só, apresenta uma nítida segregação do espaço social pela diferenciação dos projetos arquitetônicos entre a comunidade e o Instituto Federal. Como as casas e os prédios provocam uma certa comparação, cria-se também uma certa desarmonia entre o





*homem com a natureza. Uma paisagem completamente dominada transformada pela mão do homem perde grande parte do seu valor estético, principalmente quando se trata de selvas de chaminés fumegantes, de cursos de água inteiramente encaixados entre diques de cimento, de matas virgens devastadas, de cidades arruadas segundo linhas matemáticas, de peças arquitetônicas que não concordam com o estilo da terra (RAMBO, 2005, 428).*

Na justificativa apresentada pelo autor, a própria paisagem que se cria pela mão do homem pode prejudicar a junção dos objetos encontrados nela. A nossa percepção diz principalmente respeito à superioridade que a Instituição provoca perante a Comunidade pelas características topográficas da localidade, isto é, ela está acima dela.



**FIGURA 1** — Comunidade VILA NOVA em contraste ao fundo com o IF-SC Câmpus São Miguel do Oeste. Autor: José Fabiano de Paula, 2012.





O imaginário popular pode promover sentimentos topofóbicos<sup>6</sup> que acabam por criar uma situação de empatia entre a comunidade e a Instituição. Inclusive, com o acréscimo de algumas críticas ao isolamento da área. As próprias crianças que deixaram de realizar o seu futebol dentro do terreno do Câmpus, não só pela impossibilidade de cerca, como também pelo fato de o espaço ter se tornado um local de experiências agroecológicas, podem absorver sensações negativas em relação ao IFSC por motivarem “lembranças ruins”.

Em decorrência disso, a paisagem é reconstruída continuamente, tanto dentro dos aspectos físicos como dentro dos aspectos humanos. Ela perpassa uma imagem híbrida onde diferentes objetos (técnicos ou naturais) convivem harmoniosamente ou em contraste. Essas idealizações vão de encontro à paisagem do Campus e da Comunidade VILA NOVA simultaneamente.

*A paisagem não se cria de uma só vez, mas por acréscimos, substituições; a lógica pela qual se fez um objeto no passado era a lógica da produção daquele momento. Uma paisagem é uma escrita sobre a outra, é um conjunto de objetos que têm idades diferentes, é uma herança de muitos diferentes momentos (SANTOS, 1991, p. 66).*

A percepção de um Gestor Público sobre o contexto da paisagem, muitas vezes, não se torna visível pelo fato dele se preocupar mais com as questões administrativas do que com as pessoas e com aquilo que está no seu entorno. Assim, deixa-se de reconhecer um espaço que pode se revelar muitas informações para melhor gerenciar sua Instituição.

O isolamento, ou metaforicamente falando, “o Gestor fechando-se em seu casulo”, impede de se ter essa noção sobre a visualização das diferentes paisagens (social, econômica, política, religiosa, natural, entre outras) que coabitam conjuntamente. Tentar compreender a paisagem é se aproximar da verdade que é escamoteada pelas informações expressas em jornais ou reelaboradas por órgãos públicos que detém o conhecimento ao seu favor. Nesse sentido, precisamos nos conscientizar de que a análise da paisagem e suas múltiplas influências nos têm muito a revelar.

---

<sup>6</sup> Os sentimentos topofóbicos diz respeito às questões negativas que as pessoas podem adquirir em relação ao espaço por onde passam ou vivem. Por exemplo, ao percorrer uma estrada verifica-se um córrego com a sua margem ocupada por palafitas ou casebres.







### 2.3.2 O Território...

O termo território tem seu início - na história - com o surgimento dos Estados-Nação onde procurava-se a consolidação do poder junto aos monarcas. Anteriormente a isso, o poder político e militar concentrava-se nas mãos dos Senhores Feudais que, por sua vez, criavam leis, línguas e costumes próprios. Tal atitude enfraquecia o poder real bem como do território por não oferecer uma unidade.

Os reis e os teóricos<sup>7</sup> que lhe defendiam iniciaram uma campanha que veio a se configurar no século XIX com o pan-eslavismo e o pangermanismo. Em ambas as ideologias alimentava-se a criação de uma raça forte que seria moldada pela criação de uma língua única, de uma Escola modeladora e também de um Exército que viesse a moldar mentes e corações infanto-juvenis. Essas teorias mais tarde contribuíram para o desencadear da 1ª e em seguida da 2ª Guerra Mundial.

O Brasil, recebeu forte influência das ideias nacionalistas. O governo Vargas e o Regime Militar executaram grandes campanhas, em especial, o primeiro que adotou algumas medidas repressivas. A valorização da cultura tupiniquim e da exaltação do Chefe da Nação para o fortalecimento do poder foram preponderantes para a unificação do território brasileiro<sup>8</sup>, mesmo que de forma autoritária com medidas verticalizadas, isto é, que são ordens emitidas de Órgãos Governamentais ou de Empresas ou de uma elite industrial que exerciam grande influência nas decisões.

Dentro de uma esfera municipal, a cidade possui seus limites físicos com uma demarcação aparente. No seu território deste município existem por assim dizer os bairros que configuram espaços também demarcados e, na sequência, nestes bairros existem as ruas com as moradias. Como o território vincula questões de poder e, muitas vezes, emitidas de cima para baixo, ele se apresenta como decisões arbitrárias e verticais que podem ser emitidas por um corpo técnico ou do desejo de um Prefeito. O que queremos dizer é que,

---

7 Com relação as principais autores e suas obras deste período encontramos: Jacques Bossuet (Política tirada da Sagrada Escritura), Nicolau Maquiavel (O Príncipe), Thomas Hobbes (Leviatã), Jean Bodin (Seis Livros da República), entre outros, defenderam o absolutismo monárquico com amplos poderes ao Rei.

---

8 A área rural do país, em especial, da região Sul e Sudeste possuía muitos imigrantes e também descendentes de japoneses, alemães e italianos. Os mesmos sofreram forte repressão do Estado Novo (1937-45) – período sob o governo de Getúlio Vargas – quando transcorria a 2ª GM. Essas populações totalmente abandonadas nos rincões mais longínquos do país buscaram alternativas de sobrevivência através das culturas importadas de seus países (língua, culinária, jogos, ideologias, ...). Isso fez com que o Governo mantivesse um controle acirrado sobre eles: decretando prisões, alistamento obrigatório nas Forças Armadas como também humilhações em praça pública.





em alguns casos, não existe diálogo com a comunidade para a implementação de determinada ação. Os únicos participantes do processo são agentes que exercem influência na sociedade, deixando para trás quem realmente poderia contribuir nesta construção.

*São os atores do tempo rápido, que plenamente participam do processo, enquanto os demais raramente tiram todo proveito da fluidez. Tais espaços de fluxos vivem uma solidariedade do tipo organizacional, isto é, as relações que mantêm a agregação e a cooperação entre agentes resultam em um processo de organização, no qual predominam fatores externos às áreas de incidência dos mencionados agentes (SANTOS, 2003, p. 106).*

Para esclarecer ainda mais, podemos usar o exemplo do bairro VILA NOVA I onde as pessoas não tomaram conhecimento e tampouco não participaram da instalação do Campus ao lado de suas residências através de uma consulta popular. Assim, o poder verticalizado produzido por uma pequena parcela da sociedade (representantes políticos, sindicais, comerciantes e líderes comunitários) tiveram acesso a essa determinação, mas a comunidade que sofreria diretamente a influência da imagem que foi construída não teve conhecimento do fato, há não ser através da construção que foi erguida diante de sua visão. O próprio fechamento da área com a instalação de uma cerca, isolando-os, delimita através do imaginário o território e até onde eles podem ir.

Nos dias atuais o conceito de território sofreu interferências pela inclusão de novas realidades reconstruídas. Hoje se fala em territorialidades que são pequenos espaços geográficos onde são exercidos algum tipo de poder. Tal termo vislumbra a possibilidade de várias territorialidades conviverem simultaneamente através de grupos que atuam em um determinado espaço.

*Mais recentemente, este conceito indica possibilidades analíticas que não deixam de privilegiar a ideia de dominação/ apropriação de espaço. Esta flexibilização do conceito permite tratar de territorialidades como expressão da coexistência de grupos, por vezes num mesmo espaço físico em tempos diferentes. [...] Essas novas territorialidades apresentam-se como voláteis e constituem parte do tecido social; expressam uma realidade mas não substituem, em nosso entender, a dominação política de territórios em escalas mais amplas (SUERTEGARAY, 2000, p. 24).*





Com relação à VILA NOVA I podemos encontrar diferentes territorialidades, entre elas o grupo de trabalhadores formais e os informais (papeleiros e domésticas). Outra territorialidade seria o grupo de jovens que usam drogas e os que não utilizam. Essas territorialidades alteram-se constantemente e convivem em um território mais amplo e político (bairro) onde todos são reconhecidos pela carência socioeconômica e sob a influência verticalizada de uma Prefeitura, mesmo tentando-se ser democrática.

O território como também a paisagem podem ser analisados dentro do espaço geográfico, sendo diferenciado o primeiro do segundo pelas características que lhe são atribuídas. Assim, a paisagem contém questões econômicas e culturais observadas pela transformação e comparações que se pode realizar com o espaço. Já o território abrange as relações de poder e como elas se manifestam no espaço, seja em nível de país, seja através das territorialidades. Na sequência vamos ao encontro do conceito de lugar.

### 2.3.3 O Lugar...

O lugar surge como uma oposição ao conceito de território em que as verticalidades impõem as decisões sobre a sociedade. No lugar, as horizontalidades se manifestam. Queremos dizer que os problemas locais e comunitários são debatidos por aqueles que realmente sofrem com os problemas no espaço. A Comunidade discute, articula e escolhe a melhor alternativa para resolver os seus problemas, demonstrando assim uma força em que as diferentes subjetividades (ideias) dialogam, ora disputando entre si, ora unificando-se para o bem comum.

A solidariedade criada por grupos que acabam por dominar o território de cima para baixo, aqui essa mesma solidariedade aparece horizontalmente, onde todos podem submeter os seus interesses e desejos. As respostas encontradas ganham força por serem construídas coletivamente. Assim, as relações interpessoais ocorrem para a construção social do espaço via o conceito de lugar e a relação do ser humano com o local em que habita.

*Implica compreender o lugar através de nossas necessidades existenciais quais sejam, localização, posição, mobilidade, interação como os objetos e/ ou com as pessoas. Identifica-se essa perspectiva com a nossa corporeidade e, a partir dela, o nosso estar no mundo, no caso, a partir do lugar como espaço de existência e coexistência (SUERTEGARAY, 2000, p. 26).*





As relações humanas na Comunidade, como no caso da VILA NOVA I, são dinâmicas que promovem formas de coexistência aceitando-se o diferente. O respeito às diversas cognitividades, embasadas nos laços de amizade e vizinhança produz um lugar-local que, embora possa se assemelhar com outros bairros, possuem uma subjetividade particular pelos sujeitos que fazem parte deste grupo. Inclusive, cada um com suas personalidades.

O estudo do espaço com o termo lugar oferece a oportunidade de entender uma oposição que se cria contrária as influências externas. Trata-se dos atrativos oferecidos pelo Global que não consegue penetrar completamente por terem no cotidiano uma forma de resistência intrínseca que os mantêm diferentes do padrão imposto por uma sociedade globalizada e globalizante. O lugar e, dentro dele as horizontalidades são contra-racionalidades, isto é, formas de convivência e de regulação criadas a partir próprio território e que se mantêm nesse território a despeito da vontade de unificação e homogeneização, características da racionalidade hegemônica típica das verticalidades.

*[Nas horizontalidades] esse processo dialético impede que o poder, sempre crescente e cada vez mais invasor, dos atores hegemônicos, fundados nos espaços de flocos, seja capaz de eliminar o espaço banal, que é permanentemente reconstruído segundo uma nova definição (SANTOS, 2003, p. 110-111).*

A VILA NOVA I, organiza-se com movimentos onde objetos e as pessoas e também entre elas interagem dando um sentido valoroso ao espaço em que ocupam. Existem valores construídos pela convivência, em alguns casos éticos, sem a necessidade de incorporar contratos que o regem, pois o simples contato diário, a troca de olhar ou a palavra bastam para consentir ou discordar com a ação.

A conversa informal e a escuta de uma parcela dessas pessoas com seus sentimentos e reflexões sobre a instalação do Câmpus, ou ainda, das implicações que tiveram no dia a dia de suas vidas, é a mesma coisa que entender o porque que elas não se sentem parte da paisagem construída (conjunto habitacional + IFSC Câmpus SMO), mas sim do lugar onde habitam.

As diferentes formas de se estudar o espaço geográfico e, no nosso caso, a paisagem, o território e o lugar, demonstram possibilidades de interpretação que seguem diversas linhas de raciocínio. Nesta pesquisa esse público se enquadra perfeitamente. Contudo, através do entendimento de lugar, oportuniza-se à Comunidade VILA NOVA I a possibilidade deles





exporem seus sentimentos através de um debate horizontal, bem como de se observar o movimento da vida e das relações que ocorrem ao lado do IFSC Câmpus São Miguel do Oeste.

Para isso, Paulo Freire (2005) indica um debate de transformação. Vejamos: *“O diálogo crítico e libertador, por isto mesmo que supõe a ação, tem de ser feito com os oprimidos, qualquer que seja o grau em que esteja a luta por sua libertação. Não um diálogo às escâncaras, que provoca a fúria e a repressão maior do opressor”* (p. 59).

O campo das ideias e a alteridade de cada um devem ser respeitados. A proposta para eles de que a Educação seria uma alternativa para ascenderem socialmente e melhorarem a sua autoestima através do pensar contribuiria, por sua vez, para lhes encaminhar rumo a ampliação de uma liberdade política, econômica e cultural.

Nessa ação, percorre-se um suporte teórico que envolve o espaço local onde residem. Contudo, não descartamos as demais formas de se interpretar essa área, tanto que fizemos pequenas discussões com a paisagem e o território, mas acreditamos que o lugar apresenta algo que acabamos nos esquecendo e que deveria ser prioritário em uma Gestão: as pessoas. Existem aquelas que trabalham internamente no Órgão, mas também existem aquelas que residem ao lado e, muitas vezes, tornam-se invisíveis.

#### **2.4. A Gestão e o Lugar: montando um quebra-cabeças**

A percepção do local onde se institui um Órgão Público faz-se necessário - principalmente quando se constata que há existência de comunidades carentes de orientação e apoio - para desenvolver ações sociais que possam transformar-se em realidade. Caso o Gestor busque alternativas que desvalorizem hábitos e costumes locais, provavelmente, não terá êxito nos resultados. Mas, caso o tenha, não o será por completo.

Acompanhando essa reflexão, acreditamos que a maioria dos Órgãos Públicos e, aqui ampliamos não somente para os Estabelecimentos de Ensino mas também para todos os demais que tem relação direta com o público, acabam por criar um distanciamento entre a Comunidade do entorno. Não temos dados estatísticos para comprovar com relação aos demais, mas diante da nossa coleta de dados com a população da VILA NOVA I podemos supor que existem muitas pessoas que residem ao lado de um Órgão Público e nunca tiveram a oportunidade de entrar ou entender o seu funcionamento. Dessa





forma, cria-se uma imaginação que foge, muitas vezes, a realidade, causando assim, uma completa alienação sobre o que acontece lá dentro<sup>9</sup>.

A força do lugar e seus valores: objetos e pessoas devem ser exaltados e, para que isso aconteça o Gestor também deve estar consciente da sua limitação em construir significações sobre o local. Então, para isso, um bom início de trabalho seria mediar as possibilidades técnicas disponíveis que, no nosso caso, trata-se da educação ou qualificação profissional, e a cultura que já se encontra nas relações sociais existentes.

Não cabe a nós criticarmos o papel de um Gestor Público pelos diferentes problemas que enfrenta diariamente na administração da sua Instituição, mas de alertá-lo de que existem pessoas no seu entorno que não se sentem parte do espaço, simplesmente por se considerarem abandonadas. Por isso, dialogar com elas, através de uma horizontalidade concreta, e escutar os seus anseios, sem dizer o que elas devem fazer através de ações autoritárias, é a melhor forma de se construir um lugar de consciência. Isso é preocupar-se com o outro, é ajudá-lo a refletir, ou, melhor dizendo, é fazer da Gestão uma administração para o cidadão.

Dentro deste capítulo, tentamos expor o suporte teórico para a construção dessa pesquisa com base nos conceitos anteriormente discutidos. A partir da próxima parte do trabalho, encontraremos a metodologia aplicada com o reconhecimento da sistematização acerca das entrevistas com a Comunidade Local.

---

<sup>9</sup> Essa completa alienação ou imaginário aproxima-se do Mito da Caverna, onde diferentes projeções realizadas pela sombra em um dos orifícios do local sugeriam um entendimento diferente do que realmente era.





### 3. UMA ARTICULAÇÃO NECESSÁRIA - A INSTITUIÇÃO, O GESTOR E A COMUNIDADE

Na construção deste estudo, optamos por empregar uma metodologia que fosse ao encontro de uma pesquisa aplicada, com o propósito de buscar soluções a curto e médio prazo para a mitigação de um problema. Neste trabalho, deseja-se criar mecanismos de aproximação entre a Instituição, o Gestor e a Comunidade. Esse tipo de pesquisa que realizamos *“também é chamada de pesquisa empírica, pois o pesquisador precisa ir a campo, conversar com pessoas, presenciar relações sociais”* (ZANELLA, 2009, p. 72).

O nosso trabalho envolveu um contato direto com a comunidade ao lado do Câmpus e com a Secretaria de Ação Social do município. Contudo, antes de informarmos os procedimentos que foram tomados para a construção deste capítulo, vamos conhecer a história de São Miguel do Oeste e a sua direta relação com o bairro.

#### 3.1. São Miguel do Oeste: rápidas pinceladas sobre a localização, a sua história e aspectos humanos

O município de São Miguel do Oeste foi criado na década de 50 impulsionado pela questão econômica do processo de extração de madeira nobre.





FIGURA 2 — Localização de São Miguel do Oeste no estado de Santa Catarina.

“A farta mata que cobria essa região escondia um verdadeiro tesouro: as madeiras de lei, que despertavam o interesse de habitantes gaúchos” (www.ibge.gov.br/cidadesat, 2012). Embora rica neste tipo de matéria-prima, considerava-se uma região inóspita pela distância existente entre ela e a sua capital Florianópolis: em torno de 730 quilômetros.







**FIGURA 3** — Mapa do Extremo Oeste Catarinense. Fonte: PMSMO, 2012.



**FIGURA 4** — Imagem de Satélite do perímetro urbano de São Miguel do Oeste. Fonte: Google Earth, 2012.





FIGURA 5 — Imagem de São Miguel do Oeste no ano de 1955. Fonte: PMSMO, 2012.

A ocupação deu-se através da migração sul-riograndense para este local, oriundos na sua maioria da região da Serra e Planalto Norte desse estado vizinho. Atualmente a cidade destaca-se por ser sede de vários Órgãos Públicos, tanto estaduais como federais. Além disso, nota-se a sua vocação comercial, hospitalar, religiosa, agrícola e educacional.

A realidade do presente - e de até pouco tempo atrás - é bem diferente daquela no início da povoação, pois “o extremo Oeste Catarinense, durante muito tempo, esteve esquecido das demais regiões do estado, principalmente dos sucessivos e importantes governos que em várias épocas somente dirigiam seus olhares para o litoral e regiões de desenvolvimento industrial” (RODRIGUES, 2004, p. 13).

A cidade de São Miguel do Oeste possui uma população, segundo o último censo (2010), de 36.306 habitantes, sendo seu índice de pobreza em torno de 29,98%. O IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) é 0,838; considerado, portanto, alto. Contudo, existe uma disparidade entre a qualidade de vida e o índice de pobreza, pois ele concentra um dos mais altos do estado. Um fator interessante quanto a circulação de pessoas no município, diz respeito a uma migração pendular/ flutuante das cidades menores do entorno que se deslocam até São Miguel do Oeste. Tal população permeia um público que varia entre 5.000 e 10.000 pessoas que, diariamente trabalham, estudam, utilizam o comércio e os serviços públicos/ privados





fornecidos pela cidade. São Miguel do Oeste é considerado um polo do extremo oeste catarinense.



**FIGURA 6** — Vista noturna de São Miguel do Oeste junto a sua catedral. Fonte: PMSMO, 2012.

A formação étnica da população é fortemente marcada pela cultura italiana, alemã, polonesa, portuguesa e africana. Porém o tipo físico e a forma de se comunicar apresenta uma participação considerável da primeira também reconhecido com a denominação “gringo” que vai semiscigenando com as demais, provocando assim novos sotaques e formas de pensar e agir.

No município encontram-se 14 bairros e 35 Comunidades Rurais<sup>10</sup>. É comum existir vínculos afetivos entre as pessoas, herdadas de um passado de dificuldades onde a ajuda no momento de necessidade se dava não por laços familiares, mas pelas amizades com sentido ético.

Contudo, assim como existem relações interpessoais nos grupos e comunidades, também existiu momentos de atrito que acabam por persistir

<sup>10</sup> Informação coletada do site do município ([www.saomiguel.sc.gov.br](http://www.saomiguel.sc.gov.br)) onde encontra-se o Plano Diretor da cidade.





até hoje. Na década de 80 houve a entrada de um número muito grande de “sem-tetos” e “sem-terras” no município. Esses, invadiam locais públicos na cidade como também áreas de terras abandonadas ou nas margens das estradas principais que davam acesso ao município.

A sociedade preocupada com a situação, tratou de criar uma comissão para estudar o assunto e apontar uma solução. Com isso, propostas surgiram entre as lideranças locais (empresários, políticos, autoridades policiais, representantes de Associações e religiosos) e, buscou-se uma área no interior do município para a sua ocupação com a ressocialização desses indivíduos na tentativa de se estabelecer um espaço suficiente para manterem uma agricultura de subsistência e a instalação de uma Escola, um Posto de Polícia e de Saúde, bem como o ensino de cursos profissionalizantes.

A proposta não conseguiu se efetivar por ter problemas na configuração do espaço através da escritura de venda da área. Com isso, essas pessoas continuaram a se acumular no perímetro urbano do município. Mais tarde, a Prefeitura conjuntamente com o governo estadual lançou a proposta de se construir um conjunto de casas populares de 30 m<sup>2</sup> cada localizadas no bairro São Luís.

A entrega das primeiras 73 moradias ocorreu em 1988. Anteriormente a esse acontecido, a notícia que seriam distribuídas essas residências às famílias mais carentes causou um desvanio regional de grupos marginalizados de outras cidades, principalmente do interior dos municípios que passaram a migrar para São Miguel do Oeste com o propósito de se candidatarem a receber uma casa popular. A Prefeitura passou por sérios problemas para conter tal crescimento.

A localização escolhida neste bairro (São Luís) acabou por provocar um acúmulo muito grande de pessoas sem-teto que iniciaram um processo de ocupação dos arredores da construção das casas. Isso trouxe prejuízo aos “moradores mais antigos” do local que passaram a ser vítimas de pequenos furtos e, que por sua vez, acusavam os “novos moradores” de “bandidos”. Os índices de violência aumentaram consideravelmente. Além disso, foram rotulados: “ali se localizavam os favelados do município”; tanto que isso acabou repercutindo na desvalorização dos imóveis no bairro.

A marginalização e a exclusão passaram a tomar corpo pelos demais moradores urbanos e rurais. As condições socioeconômicas associados aos índices de violência encontradas nesta comunidade adentraram a década de 90 arrastando uma significação negativa para a COHAB-São Luís já ocupada.





Assim, os atritos dentro da cidade entre suas Comunidades continuaram a ascender. Quem confirma essa situação é Adriano Larentes da Silva (2010) quando comenta que

*longe de serem apaziguados, os conflitos urbanos em São Miguel do Oeste continuaram ocorrendo, mantendo em lados opostos os sujeitos identificados como 'favelados' e aqueles que se mostravam hostis às 'favelas' e aos seus moradores. No entanto, ao contrário de momentos anteriores, o principal motivador dos conflitos, segundo muitos, era o grande conjunto de moradores concentrados em uma mesma região (p. 227)*

Na realidade, no imaginário de muitos, considerava-se o bairro São Luís o “depósito dos favelados”. Diante da situação habitacional no município, buscou-se mais recursos para a construção de novas casas e, assim, no ano de 2006, instala-se mais um conjunto de pequenas habitações distantes das demais, mas situadas no mesmo território do bairro. Esse novo grupo que se forma é a VILA NOVA, Comunidade vizinha ao Câmpus do IFSC.

### **3.2. A rotulagem continua: “da COHAB para a VILA NOVA, todos são favelados!”**

A Prefeitura Municipal acabou construindo na VILA NOVA I quarenta e nove casas populares, sendo a maioria distribuídas e ocupadas por famílias oriundas de regiões localizadas nos próprios bairros da cidade: São Jorge e Santa Rita principalmente. Inclusive, esse último, os migrantes tinham invadido uma área de terra onde viviam em barracos de lona e/ou restos de madeira.

A ideia criada na década de 80 com relação a palavra “favelados” estendeu-se até os dias atuais. A Comunidade da VILA NOVA I passou a conviver com esse nome que, de certa forma, pode promover uma baixa estima entre seus moradores. No comércio é comum encontrar este tipo de expressão quando tenta-se informar a localização do Câmpus São Miguel do Oeste, logo as pessoas vão dizendo: “é perto da favelinha”.

As identidades de grupo são construídas pela diferença com os outros. Com isso, surgem imaginários individuais e coletivos sobre os outros no espaço e no tempo que habitam.





*Assim, a identidade é realmente algo formado ao longo do tempo, através de processos inconscientes, [...]. Existe sempre algo 'imaginário' ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre 'em processo', sempre 'sendo formada' (HALL, 2006, p. 38).*

As características vão incorporando-se aos tempos contemporâneos que ocorrem ciclicamente, recebendo assim, novos sentidos. Algumas formas de agir e pensar mantêm-se e outros alteram-se na aparência, por vezes, diferenciada daquilo que se imaginou na sua essência. Com relação a rotulagem do grupo de moradores da VILA NOVA I ela continua perpetuando-se, a ponto, deles próprios se autointitulem desta forma.

Para compreendermos melhor aquilo que está subtendido ou totalmente exposto pelos nossos sentidos em relação à comunidade VILA NOVA I, resolvemos elaborar uma ficha de entrevista com 11 perguntas acerca da relação que essas pessoas passaram a ter com o Câmpus do IFSC, seu vizinho.

### **3.2.1 O Câmpus e a Comunidade: um início de diálogo horizontal**

A pesquisa aplicada configurou-se através do emprego de 15 entrevistas nas moradias existentes. Dessa forma, totalizou-se aproximadamente 31% das residências do bairro onde foram coletadas informações sobre as famílias que as compõem. Os indicadores aqui elaborados, por intermédio de amostragem,

*apontam, indicam, aproximam, traduzem em termos operacionais as dimensões sociais de interesse definidas [...]. Eles se prestam a subsidiar as atividades de planejamento público e formulação de políticas sociais nas diferentes esferas de governo, possibilitam o monitoramento das condições de vida e bem-estar da população (JANNUZZI, 2009, p. 22).*

No entanto, é preciso lembrar que trata-se de uma amostragem e, por isso, não podemos traduzir as características socioeconômicas e também culturais que se manifestam na Comunidade na sua totalidade. Porém, ela fornece subsídios para uma análise sucinta sobre o espaço da comunidade VILA NOVA.





**FIGURA 7** — Imagem da aluna entrevistando um morador da comunidade VILA NOVA. Autor: José Fabiano de Paula, 2012.

Para alcançarmos um banco de dados que nos fornecesse subsídios de análise acerca desse espaço, dividimos a entrevista em duas partes, sendo: a primeira tratou mais dos fatores socioculturais da pessoa que foi inquirida. Tentou-se então nesta, traçar um perfil do entrevistado no que se refere à idade, ao grau de escolaridade, à profissão, à origem étnica, à naturalidade, aos membros da família e à quantidade de filhos. Estes questionamentos foram operacionalizados através de perguntas diretas ao entrevistado em sua residência<sup>11</sup>.

Quando a pessoa não entendia a pergunta, o entrevistador a reconstruía tentando se aproximar ao máximo possível do contexto da comunidade.

<sup>11</sup> As entrevistas foram realizadas por três alunos bolsistas acompanhados do Coordenador (o autor desta monografia) pertencente ao Projeto de Pesquisa de Extensão: "IFSC São Miguel do Oeste: A história de um Campus em Implantação".

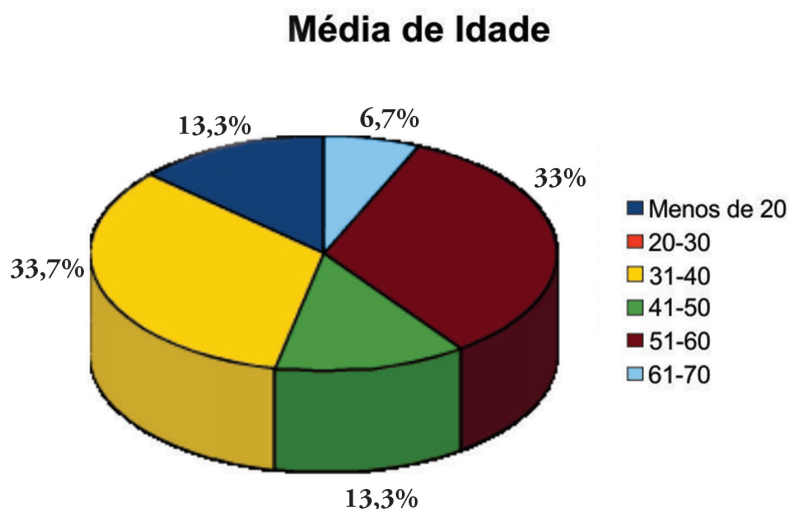




Empregou-se, então, uma espécie de história oral, mas sem a utilização de um gravador, pois os dados tão logo respondidos eram expressos na ficha de entrevista seguindo fielmente a mesma fala daqueles que a pronunciaram. Elas nos servem para entender a comunidade que, por si só, nos ajudou a traçar futuras propostas para auxiliá-los via educação. *“Há muito tempo as histórias de vida têm chamado a atenção de pessoas preocupadas em entender a sociedade em seus efeitos íntimos e pessoais”* (MEIHY, 1996, p. 130).

Com esta tentativa, transformamos a segunda parte em questões mais subjetivas, onde fica a critério do entrevistado e suas visões de mundo expor suas significações sobre a instalação do Câmpus. Sendo assim, nesta abordamos perguntas mais direcionadas à paisagem e ao lugar, levando em consideração a transformação do espaço promovido pela construção do Câmpus.

Nesta perspectiva, buscando compreender a primeira parte das entrevistas coletadas, faremos uma exposição através de gráficos das informações obtidas. Vejamos:



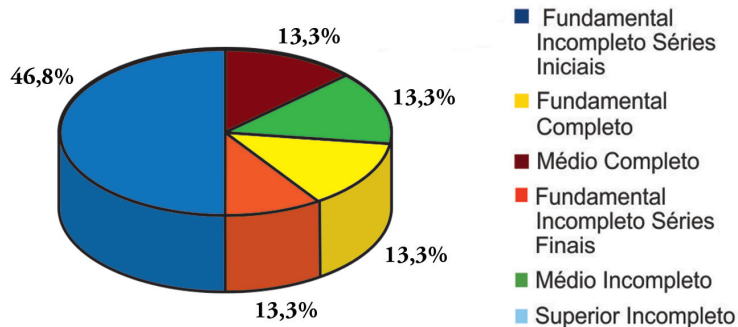
**FIGURA 8** — Gráfico da média de idades dos Entrevistados Fonte: Fichas de Entrevistas – Histórico Campus SMO, 2012.







## Nível de Escolaridade



**FIGURA 9** — Gráfico da Escolaridade dos Entrevistados Fonte: Fichas de Entrevistas – Histórico Campus SMO, 2012.

Por intermédio dos gráficos acima, conseguimos perceber a média de idade do grupo de entrevistados, bem como a baixa escolaridade, lembrando que nas residências encontrávamos, por vezes, a família completa, mas cabia na sua maioria ao marido ou a esposa, que estava presente, expor os seus sentimentos. Dessa forma, percebemos a considerável média de idade concentrada entre a faixa dos 31 aos 40 e dos 51 aos 60. Não havendo, portanto, nenhum entrevistado na idade dos 20 aos 30<sup>12</sup>.

Com relação às profissões encontradas e autointituladas por eles, destacou-se trabalhos considerados braçais. Levando em consideração a baixa escolaridade das pessoas, podemos entender a inexistência de pessoas que desenvolvam atividades intelectuais. Isso não nega que em todo trabalho não exista uma significação cognitiva muito forte, mas para aqueles impostos pela atual conjuntura macroeconômica, nesta amostragem não se manifesta. Também observa-se a escassez de trabalhadores com conhecimento técnico específico. Abaixo encontramos um gráfico sobre o tipo de trabalho que as pessoas executam:

Com relação à etnia considerada pelas pessoas da amostragem, constatou-se que a maioria definiu-se de origem portuguesa, seguidos a distância pelos italianos e alemães. Como o município possui uma forte influência de italo-

12 As nossas entrevistas ocorreram por volta das 15 horas. Com isso, concluímos que a faixa etária dos 20 aos 30 anos deveria estar no horário de trabalho. Quanto aos demais poderemos traçar um paralelo quando conhecermos as suas profissões.





brasileiros pela sua representação em quantidade, percebe-se que os de origem portuguesa encontram-se marginalizados e vivendo na periferia do município, como, por exemplo, na VILA NOVA I. É necessário destacarmos que não haviam afrodescendentes, origem esta encontrada com grande facilidade na periferia das grandes e médias cidades por motivo da história de escravidão que assolou o país por algumas centenas de anos.

## Profissões

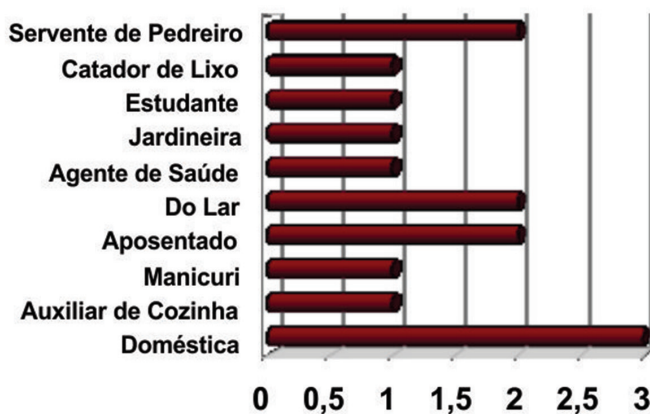
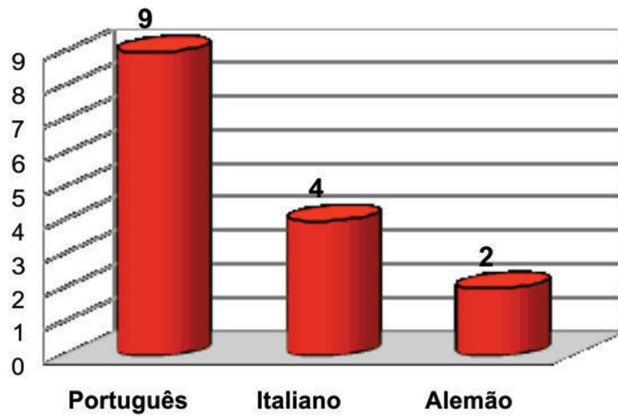


FIGURA 10 — Profissões dos entrevistados Fonte: Fichas de Entrevistas – Histórico Câmpus SMO, 2012.



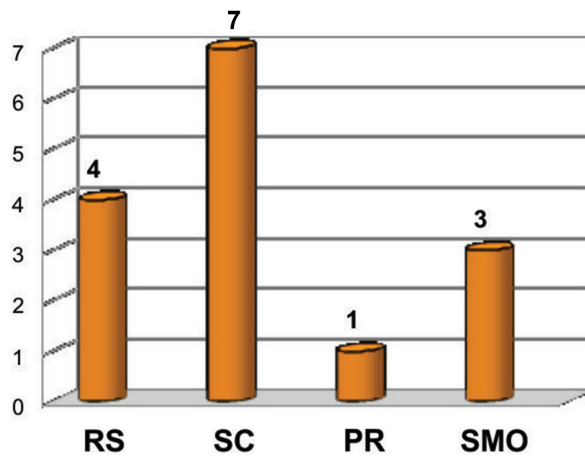


## Etnias



**FIGURA 11** — Gráfico Étnico dos Entrevistados Fonte: Fichas de Entrevistas – Histórico Câmpus SMO, 2012.

## Local de Nascimento



**FIGURA 12** — Gráfico origem dos Entrevistados Fonte: Fichas de Entrevistas – Histórico Câmpus SMO, 2012.

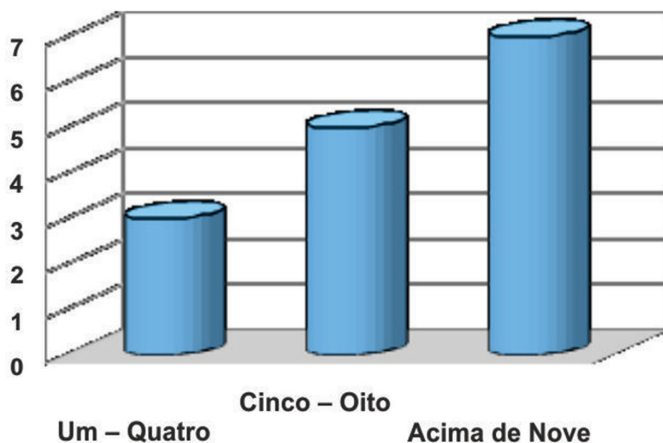




No levantamento sobre o local de origem dos moradores, observamos que a maioria é oriundo de Santa Catarina e das respectivas cidades: Paraíso, Mondai (duas pessoas), Descanso, São José do Cedro, Caxambu do Sul e Lages. As que vieram do Rio Grande do Sul são de Caxias do Sul, Três Passos, Guaporé e Iraí. Já o que veio do Paraná é de Barracão. As informações, de certa forma, encaminham-se para o que encontramos nos indicadores fornecidos pela Prefeitura e IBGE: que muitos migrantes vieram do Rio Grande do Sul, em especial, da Serra (como o nome das duas cidades que foram citadas) assim como aqueles que vieram do Planalto Norte deste estado.

Quanto aos que vieram de Santa Catarina ou até mesmo o do Paraná, em virtude da cidade em questão ser próxima, encontramos fragmentos na história do município daquele período da década de 80, já citado anteriormente, em que muitas pessoas, quando souberam da construção das primeiras casas na COHAB, acabaram migrando para São Miguel em busca de uma oportunidade para adquiri-las.

### Nº de Integrantes



**FIGURA 13** — Gráfico do número de integrantes por núcleo familiar Fonte: Fichas de Entrevistas – Histórico Câmpus SMO, 2012.





Na expectativa com relação ao número de integrantes por família, faz-se necessário um esclarecimento. Alguns filhos dos casais principais formaram novas famílias e estes, aglomeraram-se em uma mesma casa por não terem onde morar ou ainda, constrói-se “pequenos puxados” ou “anexos” para se adquirir uma certa independência dos genitores principais. Logo, são três gerações que convivem conjuntamente: os avós, os pais e os filhos.

Com isso, encerramos a análise da primeira parte das entrevistas em que confirmou-se os dados socioeconômicos e culturais acerca desta Comunidade. Por isso, a origem étnica, a naturalidade e faixa etária entrevistada conseguem recuperar muitos dos dados levantados no histórico do município como também na conversa informal realizada na Secretaria de Ação Social com uma de suas Assistentes Sociais.

Caso não adotássemos esta postura na pesquisa, isto é, de escutar as pessoas que pertencem ao lugar, estaríamos fadados à construção de um trabalho incoerente em que se apresentam apenas as informações de um lado, esquecendo-se assim daqueles que mais têm a falar. Dessa forma, *“a ausência [dos estudos] dos processos sociais implica a superficialidade da compreensão do social e de suas inter-relações com o meio biofísico”* (COELHO, 2005, p. 31).

A amostragem desta primeira parte conseguiu nos fornecer subsídios onde a baixa escolaridade está diretamente ligada ao tipo de profissão praticada pelos cidadãos que lá residem. A questão de muitos deles serem auxiliares e não propriamente os realizadores do trabalho principal como no caso, dos serventes de pedreiro e auxiliar de cozinha fomenta a consciência de existir uma demanda a ser fornecida a este tipo de pessoa em que o Câmpus São Miguel do Oeste em parceria com outros Órgãos Públicos poderia atender.

A dificuldade destes em entender determinadas perguntas e em expor as respostas, nos faz compreender que eles não conseguem apresentar seus anseios e necessidades mais íntimas. Por isso, em vez da Comunidade vir até o Órgão Público, ele deve tomar a iniciativa de ir até aqueles que precisam, respeitando para isso, suas especificidades. Daí surge o papel do Gestor Público preocupado com os problemas contemporâneos do Brasil.





### 3.2.2 A percepção da Comunidade acerca do IFSC Câmpus São Miguel do Oeste: uma aproximação da realidade via amostragem

Nesta parte da pesquisa, direcionamos as perguntas para obtermos as sensações que as pessoas possuem sobre o Câmpus e a sua relação com a comunidade ao lado. Para isso, iniciamos perguntando se eles sabiam o que significava a sigla IFSC? Dos 15 que participaram da inquirição, sete informaram que não sabiam o significado. Quanto aos demais, tentaram explicar comunicando as seguintes respostas: “Escola de 1ª série até Formatura!”; “Cefet”; “É uma Escola!”; “Curso Federal”; “Tipo uma Escola!?”; “Sei que é faculdade, negócio profissionalizante, né?”; “Instituto Federal, fornece cursos”...; “CEFET, ajudei a fazer...”.

Aqueles que tentaram responder conseguiram se aproximar da resposta, mas podemos considerar que eles não tinham muita certeza sobre o que estavam falando. Informalmente também perguntamos como tinha chegado aquela resposta e eles disseram que era por aquilo que os outros comentavam. Também, através de uma conversa informal com uma aluna do Campus pertencente ao Programa Mulheres 1000<sup>13</sup> e moradora dos arredores: “Nóis achava que era escola pra médico, pra doutor! Que tinha que paga!”.

Na sequência, perguntamos se eles auxiliaram na vinda do Câmpus para São Miguel do Oeste. Entre os entrevistados, treze responderam que não, sendo que um disse que veio morar depois no local. Com relação aos demais, obtivemos as seguintes respostas: “Sim!” (não informando como); “Sim! Ajudei a construir!”. Com relação a última resposta, o entrevistado trabalhou como servente de pedreiro na construção do Câmpus. Daí o seu entendimento de participação na vinda do IFSC para o município.

Outra pergunta que fizemos foi se houve consulta popular sobre o que eles achavam da instalação do Câmpus ao lado de suas residências. Novamente obtivemos treze respostas negativas. Quanto às demais, uma respondeu que: “Sim! Foram perguntar nas Casa!”; e a outra também com não, mas: “Só da Unoesc!”; A instituição citada é uma Universidade Comunitária que já se encontra em São Miguel do Oeste há alguns anos.

O nosso questionamento faz lembrar de Milton Santos (2003), já citado

---

13 O Programa Mulheres 1000 nasceu no nordeste com a intenção de buscar a valorização e autonomia das mulheres em risco social, dando-lhes um curso profissional e orientando-as para a vida. Já que na maioria da famílias, elas são a sustentação: educação, saúde, alimentação, trabalho, ...





neste estudo, quando ele comenta que, as pessoas que não participam da construção do local em que vivem, acabam por serem diretamente atingidas pela modificação do espaço, vivendo assim, em um lugar que não possui sentido. Tornam-se assim, alienadas!

Adiante perguntamos se elas saberiam dizer quais seriam os cursos oferecidos pelo Instituto. Claro que, diante das respostas anteriores, não é difícil imaginar os resultados recolhidos, vejamos: doze disseram que não sabem. Dos outros três, um disse que era “Mulheres 1000”; um falou “Pedreiro” e o outro: “Vários, aprender ler, mas não sei!” Portanto, dos quinze entrevistados, dois apenas souberam indicar um dos cursos oferecidos pelo Instituto, sendo que ambas formações são FIC (cursos de curta duração: Formação Inicial Continuada). Já aos cursos Concomitantes em Agroecologia e Agroindústria e o Integrado e o PROEJA-FIC não foram citados.

Questionou-se também se tinham algum parente ou amigo que estudava no IFSC e três apenas disseram que possuem um amigo estudando na “Escola”. Outra inquirição feita diz respeito se o Câmpus trouxe algum prejuízo para o entrevistado? A maioria informou que não, mas três fizeram questão de comunicar. Entre os problemas gerados foram: “Eles trancaram a rua”; “Pé de Abacate”; “Trouxe um incômodo por causa de uma ou outra aluna que faz barulho!” Explicando melhor as queixas, com relação a rua, nós informamos que a Comunidade utilizava uma estrada que cruzava no interior do Câmpus, assim com o cercamento impediu-se deles utilizarem o caminho.

Quanto ao pé de abacate, a reclamação está diretamente relacionada ao fato da empresa que construiu o Câmpus e promoveu o seu fechamento com tela, ter cortado na divisa da área com o terreno deste cidadão um pé de abacate que ele estava cuidando, sem ao menos ter lhe consultado, gerando assim uma insatisfação particular. Já no que se refere ao último, registrou-se que algumas discentes que, quando terminam as suas aulas por volta das 22h30min, ao retornarem para as suas casas, acabam por fazer muito barulho na rua através de conversas e brincadeiras, atrapalhando a tranquilidade dos moradores.

Na visão geral das entrevistas o IFSC não trouxe prejuízos à Comunidade, porém na sua essência existem pessoas que tiveram alterações na sua dinâmica sociocultural. Essas observações não são denunciadas ou não chegam aos Órgãos Públicos, mas encontram-se nas conversas informais com vizinhos ou parentes. A questão do “abacateiro” parece-nos muito mais problemática pela forma que o fato aconteceu do que pelo seu simples corte. Talvez para os trabalhadores da obra era um pé comum que nem estava





produzindo ainda, não trazendo prejuízo a ninguém e, por isso, cortaram. Mas o fato da atitude ser autoritária e arbitrária num formato verticalizado, ou seja, sem conversa com o proprietário do terreno tenha criado uma empatia deste para com o Câmpus.

Em seguida, perguntamos ao grupo de entrevistados se eles acreditavam que o IFSC traria algum benefício para a Comunidade e qual tipo seria? As respostas, na sua maioria foram sim e suas justificativas perambularam da seguinte forma: “Oficinas, cursos, ...”; “Pessoas carentes que não consegue pagar cursos”; “Com certeza, tudo! Quem quiser uma profissão, quem quer estudar!”; “Bom! Valorizou o terreno!”; “É uma coisa do bem, enquanto a criança está estudando fica longe de outras coisas...”; “Vai trazer serviço: na cozinha, na limpeza,...”; “Por que vai ter mais estudo!”; “Vai mudar! Vai ter cursos!”; “O estudo bom, já sai com o curso e com um serviço!”; “Valorizou o bairro e para educação é bom!”; “Emprego, muitas coisas...”.

Ainda dentro deste questionamento, apenas um respondeu que não. Nesta altura das entrevistas, eles já tinham interrompido os entrevistadores para sanar a dúvida sobre o que era o Câmpus... Dessa forma, em contrapartida, os bolsistas disseram que era uma Escola Técnica Federal de ensino gratuito. Tal motivo contribuiu para que eles tentassem responder construindo um imaginário positivo sobre o Câmpus.

Perguntou-se também sobre se eles já tinham entrado no Câmpus e conheciam o seu interior? Destes, oito responderam que não e os demais disseram que sim: “na construção”; “É bonito, grande!; “Muito bonito, nota 10!; “Por fora, muito bonito! Falta detalhes!; “Sim! É bonito!; “Sim! Ajudei a construir!; “Bom!”. Aqueles que circularam no interior do Câmpus foi quando estava em construção, sendo assim depois de pronto não tiveram a oportunidade de conhecer. No que concerne ao exterior e observação do bairro, percebe-se uma admiração pelo prédio e seus pavimentos.

Em outra pergunta, questionamos o que poderia melhorar na qualidade de vida dos moradores da Comunidade de um modo geral? As respostas foram as seguintes: “O acesso tá ruim! É importante melhorar as ruas!; “Para nós assim, tá bom!; “Calçamento!; “Depende, pode ser que sim!; “Deveriam procurar as pessoas daqui para fazer cursos!; “Tá bom assim!; “Os cursos ajuda!; “Com certeza!; “Dando emprego pra quem precisa! Estudo!; “Estudo!”.

Algumas entrevistas não foram preenchidas pelo fato dos entrevistados não terem entendido a pergunta. Contudo, existe uma acomodação de alguns e outros que anseiam trabalho, estudo e infraestrutura como acesso e







calçamento. Mas um dado que nos chamou a atenção, seria a expectativa de um para serem chamados a fazerem cursos.

Reforça-se aqui que, muitas vezes, as pessoas ficam tímidas de se dirigirem aos Órgãos Públicos solicitarem informação simplesmente por vergonha da condição social em que se encontram. Nesse sentido, há a necessidade de se ajudar essas pessoas, mantendo suas relações sociais e históricas, mas também orientando-os para um futuro mais promissor e de satisfação pessoal.

Nesta pergunta que vamos apresentar, questiona-se o que o Câmpus poderá fazer por eles, sendo que já lhes foi alertado sobre o papel da Instituição com a Educação. Com isso, eles responderam: “Estudo!”; “Sim, pois vão sair de lá com curso e trabalho na mão!”; “Incentivando o pessoal a estudar! Estudo bom e de graça!”; “Dar trabalho... Emprego!”; “Se for bons cursos aplicados na região vai ser excelente!”; “Dando cursos e trabalho lá dentro!”; “Calçamento!”; “O pessoal estudando!”; “Trabalho... Estudo e curso!”; “Emprego... Cursos...”; “Curso que estão fazendo, que não sabe ler!”.

As principais vinculações entre a ajuda solicitada está no campo da Educação e Emprego. Por si só, um leva à outra, podendo partir tanto de um como do outro. Contudo, o que temos para oferecer é a educação profissionalizante a essa comunidade. Porém, temos alguns empecilhos que só podem ser combatidos, caso traçássemos um convênio com a Prefeitura, ONG ou CEJA para a alfabetização de alguns membros das famílias entrevistadas. Como foi lembrado em uma das respostas, “ensinar a ler quem não sabe” pode promover a autonomia, a autoestima e o sentimento de continuação nos estudos.

O Câmpus oferece o Ensino Técnico e o Ensino Médio e, por isso, não existe um corpo docente especializado na alfabetização. Daí o motivo de estabelecermos parcerias de modo que após alfabetizado este cidadão, podemos absorvê-lo na instituição para aprender uma profissão que lhe traga assim como a alfabetização, liberdade para pensar e agir com autonomia e ética cidadã.

Por isso, da mesma forma que perguntamos o que o IF-SC poderia fazer por eles, o que eles poderiam fazer pelo IF-SC? As poucas respostas que recebemos, embora “encabuladas”, trouxeram o seguinte: “Ajuntar mais gente pra estudar!”; “Nem sei te responder!”; “As crianças estudar e cuidar!”; “Fazer esses curso!”; “Ajudando a estudar!”; “Divulgação!”; “Acho que o pessoal participar dos cursos!”; “Fazer calçamento na rua!”; “Dando apoio pra quem precisa!”; “Participação dos moradores!”; “Propaganda! Carrinho especial pra catar lixo!”.





O pouco entendimento que eles possuem sobre o IF-SC e a predisposição em ajudar, mesmo dentro da sua humilde condição são considerações que nos chama a atenção. Embora não saibam muito bem como auxiliar, ficou evidente a divulgação que eles podem promover no bairro para que as pessoas e seus filhos venham a estudar neste Estabelecimento de Ensino.

Um bom começo poderia ser a relação que todos que compõem a comunidade participassem de aulas de Desenvolvimento Sustentável na tentativa de melhorar condutas com relação ao tratamento de resíduos. Esta vizinhança, ou mais precisamente algumas pessoas mantêm o hábito de jogarem o lixo para dentro do pátio do Câmpus. Podemos observar isso através da imagem abaixo:



**FIGURA 14** — Imagem de resíduos domésticos jogados no interior do Câmpus SMO pelos moradores da VILA NOVA Autor: José Fabiano de Paula, 2012.

Além do desrespeito com a natureza também se enfatiza a falta de consideração com o Câmpus. Por isso, ações de conscientização fazem-se necessárias através da educação ambiental para a melhoria de vida das





pessoas assim como uma melhor relação paisagística e social com o lugar de coexistência horizontal entre as pessoas e o Câmpus.

O sentimento de pertencimento do Câmpus à Comunidade é algo que não é percebido. Visualizá-lo e denotá-lo como bonito é interessante, mas não saber como fazer parte dele não é o ideal. A constatação que o IF-SC estabeleceu-se ao lado da Comunidade e promoveu a valorização das propriedades é muito bom para qualquer dono de terreno ou especulador imobiliário. Mas **concebê-lo como um centro de Educação capaz de mudar vidas e trazer alteridades é muito mais importante!**

### 3.2.3 A Gestão, o Câmpus e a Comunidade

A missão do IFSC é de atender regionalmente a população com cursos profissionalizantes, estendendo-se ainda o Ensino Médio e o PROEJA-FIC. Tende-se ainda a instalação de cursos superiores e mais a frente pós-graduação, tanto *Latu* como *Strictu Sensu*.

Atualmente existem alunos que vem de várias cidades do extremo oeste catarinense estudar neste Câmpus. Portanto, o Estabelecimento de Ensino, dentro das Políticas Públicas vigentes vem cumprindo de forma excelente as suas metas. Mas como conceber que a sua missão está sendo cumprida se existe bem ao seu lado uma comunidade que precisa ser organizada, ou melhor, que anseia ajuda.

Nesse sentido, a Gestão Pública de Estabelecimentos como esse, devem traçar objetivos que venham trazer a Comunidade para dentro do IF-SC com a meta de dar-lhes o suporte para ascenderem socialmente através de uma qualificação profissional. Contudo, precisa-se, antes disso, conscientizá-los do que o Câmpus realmente faz, informando-lhes principalmente que é público e pertencente a eles.

Eles precisam saber, repassado através de uma forma didática/ lúdica, o que o Instituto Federal faz. Nota-se que esse diálogo não acontece e, por isso, o imaginário popular ultrapassa a realidade, achando-se que o Câmpus é uma “Escola da Elite por ser bonito”, como foi citado por uma aluna.

O estímulo a projetos de Extensão onde os objetivos buscassem trazer a comunidade para dentro da Escola, bem como a associação da pesquisa no sentido de se ter mais aprofundado um esteriótipo mais próximo da verdade com relação à Comunidade; auxiliaria, tanto pelo diálogo horizontal que se criaria, como também na criação de um banco de dados das pessoas que lá vivem. Por isso, escutá-los é tão importante.





*Se, na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a falar com eles. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele, mesmo que, em certas condições, precise de falar a ele (FREIRE, 1996, p. 113).*

Com essas informações podem ser obtidos, por exemplo, o número de analfabetos existentes e, com isso, encaminhar, através da Gestão, um ofício para a Prefeitura, inclusive, via Reitora, solicitando apoio na alfabetização destes. Tanto que, a infraestrutura, que poderia ser utilizada, em virtude da distância, poderia ser a do IFSC.

Como o Câmpus possui o curso de Agroecologia, poder-se-ia ofertar um curso prático para a construção de hortas de subsistência, em que as mudas pudessem ser fornecidas pelo viveiro do Câmpus. Através disso, ocorreria uma aproximação com eles, estabelecendo assim uma relação de confiança que poderia desencadear, principalmente com o público infanto-juvenil atividades de Preservação Ambiental onde os resíduos devem ser guardados corretamente afim de se evitar o que vimos através da Figura 14 (p. 103) deste trabalho. Por isso, o Câmpus usufrui de profissionais competentes na área, como: Biólogo, Químico, Geógrafo, Historiador, Professor de Educação Física e Artes, Engenheiro Agrônomo, Engenheiro Florestal, Técnico em Informática e Pedagoga para criarem uma proposta transdisciplinar de desenvolvimento sustentável para a Comunidade.

Outro docente que o IFSC dispõe é o Administrador que trabalha com áreas como Associativismo e Cooperativismo: alternativas essas fortemente desenvolvidas na região pelo caráter coletivo e de resolução de problemas em conjunto, principalmente na área da Agricultura. Pode-se realizar reuniões com a Comunidade e, a partir delas estabelecer propostas para solucionar os problemas, como, por exemplo, o do calçamento.

O Desenvolvimento Sustentável e a busca da solução dos problemas através de painéis mediados por profissionais do Instituto abarcaria um ensino não-formal que poderia ocorrer no âmago da Comunidade como também do Câmpus. Embora não possa existir diferença entre eles, já que fazem parte de uma mesma paisagem com contraste, mas a mesma paisagem. Esse tipo de ensino enseja em uma “*interpretação e assimilação dos fatos, eventos e acontecimentos que os indivíduos fazem [...] em contato com grupos e organizações*” (GOHN, 1999, p. 98).





Destaca-se também datas festivas que poderiam ser empregadas para a realização de doações e visitas as residências para conversar e aprender com os mais velhos, pois mesmo não sabendo ler, são letrados pela experiência de vida que possuem. Nesse sentido, os alunos do IFSC poderiam confeccionar material alusivo e praticar a solidariedade e o diálogo, atributos hoje quase em extinção pela velocidade das informações e da escassez de tempo. Dessa forma, o Estabelecimento de Ensino não estaria apenas ajudando a VILA NOVA I, mas também os discentes em serem pessoas melhores e mais sensíveis aos problemas sociais.

O Câmpus possui Biblioteca e Laboratório de Informática. Com estes ambientes, possibilita-se com a distribuição de horários específicos, a autorização para que os jovens da comunidade frequentem a Instituição e possam realizar atividades de pesquisa para complementarem os seus estudos extraclasse do ensino formal, isto é, o aluno do 6º ano do Ensino Fundamental de uma Escola Municipal ou Estadual que recebeu “tema” da professora para pesquisar sobre “Globalização” poderia usufruir do acesso a Internet, bem como da pesquisa no interior da biblioteca.

A ideia central é fazer com que o lugar onde a Comunidade e o Órgão Público, estabelecidos como vizinhos de cerca, interajam não havendo fronteiras entre eles. Para que isso aconteça, o Gestor Público do Estabelecimento de Ensino ao lado, através da sua iniciativa e subsidiado por uma equipe transdisciplinar capaz de estudar os fenômenos, possam conduzir um estudo que viabilize a melhoria das condições de vida das pessoas que residem na VILA NOVA I. Porém, o respeito, a sensibilidade e a ética com essa população deverão ser premissas levadas em consideração.

O poder Público, dentro do Estado, deve estar a favor daqueles que realmente representa e não a mercê dos ditames econômicos e empresariais. Milton Santos (2003) lembra que “*não é que o Estado se ausente ou se torne menor. Ele apenas se omite quanto ao interesse das populações e se torna mais forte, mais ágil, mais presente, ao serviço da economia dominante*” (p. 66).

Tal ação ou iniciativa por parte da Gestão Pública pode gerar informação e desencadear um processo onde os demais Órgãos Públicos, sejam eles oriundos do Executivo, Legislativo e Judiciário, ou ainda, nas três esferas de escala governamental: Municipal, Estadual e Federal; passem a preocupar-se com aquele que está ao seu lado dando-lhe voz para ser agente de sua própria história e não mero expectador.





## 4. ALGUMAS REFLEXÕES

A Globalização diminuiu as distâncias e facilita a comunicação; por outro lado ela, também exclui, marginaliza e diminui o diálogo entre as pessoas. A sua capacidade de interferir na vida das comunidades acaba por fragmentar relações tradicionais que ao longo do tempo, vinham sendo passada, de geração em geração.

Nesta dialética, acerca da Globalização, diferentes partes do mundo incorporaram a interferência, sem muitas vezes tomarem conhecimento dos ditames do Mercado. Em contrapartida a força do Lugar impõe modelos de sobrevivência e relações pessoais que são considerados arcaicos, mas que ao mesmo tempo promovem a identidade daquele grupo.

Em meio à força do mercado globalizante e à força da Comunidade, surge o Estado como uma espécie de mediador de conflitos, embora muitas vezes tome partido a favor de banqueiros e empresários. Neste jogo de poder, que apresenta-se a nível mundial e chega até aos pequenos povoados, os servidores públicos e, em especial, os que também são gestores assumem um papel decisivo que vai muito além dos estudos promovidos pelas ciências políticas e econômicas.

Dessa forma, o Poder Executivo Brasileiro buscou investir nos últimos anos em políticas públicas que desenvolvessem a Educação associada a uma qualificação profissional, por acreditar que seria uma alternativa para o cidadão buscar a sua autonomia e construir sua ascensão social.

Os Institutos Federais expandiram-se por diferentes rincões do território nacional no intuito de levar conhecimento técnico e tecnológico às populações mais desprovidas de saber. Seus gestores tomaram para si o compromisso de implantarem muitos Campi e o processo exigiu comprometimento e inteira dedicação ao projeto.

Nesta perspectiva, São Miguel do Oeste recebeu um destes *Campi* que traduziu-se na expectativa de um grupo de pessoas ligadas diretamente à política e à economia da cidade. Sendo assim, neste processo não houve a participação direta daqueles que deveriam se fazer presentes na reunião, ou seja, os moradores da comunidade onde o Câmpus seria construído.

Diante da situação e o Câmpus já construído, impondo sua “majestosidade” sobre a Comunidade, cabe a esse Estabelecimento de Ensino, ou mais precisamente ao seu Gestor, conscientizar a população da VILA NOVA I o porquê da Instituição se encontrar ali. Quais os seus objetivos?





Qual a forma que ela como um Centro de Educação Profissional poderá ajudá-los a angariar uma qualificação no trabalho?

Contudo, antes mesmo de sugerir o que fazer, é preciso entender a dinâmica de relações interpessoais que sobrevivem em condições mais precárias do que os demais migueloestinos que rotulam os primeiros como os “favelados da cidade”.

Na montagem desse quebra-cabeças em prol da Comunidade, antes de tudo precisa-se estabelecer um diálogo horizontal onde sentimentos comunitários devem ser percebidos para revelar a sua essência e ao mesmo tempo conscientizá-los de sua força como grupo, desmitificando assim a baixoestima e até mesmo a falta de probabilidade quanto a uma possível interação com o IF-SC através do seu Câmpus.

O fato de terem nos recebido bem durante a pesquisa, demonstra o seu caráter humilde e ao mesmo tempo acolhedor, oportunizando, portanto, está troca de conhecimentos. Escutar e conhecer as particularidades deste grupo é desenvolver conhecimento com eles e para eles!

A oportunidade que um Gestor Público da área da Educação tem para transformar vidas dando-lhes o subsídio do conhecimento, bem como a capacidade do discernimento para ter mais poder de escolha é muito maior comparado, por exemplo, a qualquer outro setor.

O Câmpus São Miguel do Oeste, mesmo tendo uma missão clara e definida, através dos cursos técnicos Concomitantes, do Ensino Médio Integrado ao Profissional, dos cursos de Formação Inicial e Continuada e do PROEJA-FIC podem reelaborar propostas de melhoria de condições de vida para a população que reside ao seu lado, seja através de oficinas, seja por organização de debates ou, seja ainda pela utilização das instalações do Câmpus.

No entanto, para que tudo isso aconteça, a comunicação - aquela tradicional que ocorre desde tempos remotos - deve ser reativada, isto é, do diálogo, da conversa informal, do entendimento da realidade do próximo. Aqui, e-mail, skype, Internet, entre outros, não teriam aproveitamento por motivo de boa parte da população não possuir equipamento e tampouco qualificação para usá-lo.

A pesquisa tentou alertar para as questões de convivência sadia com a Comunidade. Mas como fazer acontecer se a correria do dia a dia limita essa interação? Como coordenar uma ação em que uma Instituição desse porte leve conhecimento técnico e tecnológico para toda a região do Extremo Oeste e, também conduza uma intervenção horizontal em uma Comunidade específica que clama por auxílio?





O momento em que as Instituições Públicas, com suas diferentes finalidades, ampliar o seu campo de visão e por fim, constatar que existem famílias carentes de conhecimento e que precisam tornar-se agentes da sua própria história, o Câmpus não estará cumprindo apenas sua real tarefa, mas indo além dela.

As experiências que poderão se construir, dotarão a Gestão de muitas informações que não chegam até ela de modo formal. A atividade desenvolvida transdisciplinar ligada ao Desenvolvimento Ambiental e Sustentável, bem como, quando fugir a capacidade do Câmpus, como o processo de alfabetização, mas que pode ser suprido através da construção de parcerias, podem ser alternativas viáveis para a integração deste espaço que encontra-se, no momento, segregado.

O trabalho de interação e toda a metologia que viria a ser aplicada poderia criar um conjunto de orientações que, por sua vez, serviria de modelo para outros Órgãos Públicos e seus Gestores para que também iniciem um diálogo com a Comunidade vizinha, respeitando para isso as diferentes identidades locais.

O estudo sobre a Gestão e sua relação com os “Problemas Sociais Brasileiros” que, muitas vezes, convivem ao lado do Órgão, não esgotou possibilidades e debates sobre o assunto. Pelo contrário, a pesquisa vislumbra ser um chamamento para os Gestores sobre aquilo que se encontra fora dos muros ou cercas de sua Instituição. A singela contribuição deste livro alcançaria o seu êxito, caso os nossos gestores que: trabalham incessantemente, acumulando muitas horas de trabalho; devem seguir uma rigorosa legislação que os limita de realizar muitos projetos; a grosso modo se diz “apagam incêndios todos os dias”; suportam psicologicamente a insatisfação, muitas vezes, errôneas de seus servidores; dedicam-se demasiadamente ao seu emprego abrindo, por vezes, mão do aconchego familiar; conseguissem adquirir a percepção que este trabalho propôs.







## REFERÊNCIAS

ARVELO-JIMÉNEZ, Nelly. **Globalização e etnicidade**. In: ZARUR, George de Cerqueira Leite. *Região e nação na América Latina*. Brasília: UNB, 2000. p. 25-44.

AURELIO. **O mini dicionário da língua portuguesa**. 4. ed. revista e ampliada do mini dicionário Aurélio – Rio de Janeiro, 2002.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1994.

COELHO, Maria Célia Nunes. **Impactos ambientais em áreas urbanas – teorias, conceitos e métodos de pesquisa**. In: GUERRA, Antonio J. Teixeira; CUNHA, Sandra B. da (Org.). *Impactos ambientais urbanos no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2005.

DAGNINO, Renato Peixoto. **Planejamento Estratégico Governamental**. Florianópolis: UFSC/ UAB, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal e cultura política**. São Paulo, Cortez, 1999. (coleção questões de nossa época)

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. (tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro)

JANUZZI, Paulo de Martino. **Indicadores Socioeconômicos na Gestão Pública**. Florianópolis: UFSC/ UAB, 2009.

MALMEGRIN, Maria Leonídia. **Gestão Operacional**. Florianópolis: UFSC/ UAB, 2010.





MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

MENDES, Annita Valléria Calmon. **Ética na administração pública federal: a implementação de comissões de ética setoriais: entre o desafio e a oportunidade de mudar o modelo de gestão**. Brasília: FUNAG, 2010.

NASCIMENTO, Edson Ronaldo do. **Gestão Pública**. São Paulo: Saraiva Profissionais, 2006.

PEIXOTO, Eduardo da Silva. **Diagnóstico das políticas públicas de gerenciamento dos resíduos sólidos em Porto Alegre: estrutura versus conscientização**. Canoas, Ulbra, 2005. (monografia de graduação)

RAMBO, Balduino. **A fisionomia do Rio Grande do Sul: ensaio de monografia natural**. 3. ed. São Leopoldo, Unisinos, 2005.

REGO, Nelson; SUERTEGARAY, Dirce; HEIDRICH, Álvaro (Org.). **Geografia e educação: geração de ambiências**. Porto Alegre, UFRGS, 2000.

RODRIGUES, Paulo Edson Dias. **Os Prefeitos de São Miguel do Oeste no século XX**. São Miguel do Oeste, MCLEE, 2004.

RUA, Maria das Graças. **Políticas Públicas**. Florianópolis: UFSC/ UAB, 2009.

SANTOS, Maria Paula Gomes dos. **O Estado e os Problemas Contemporâneos**. Florianópolis: UFSC/ UAB, 2009.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: USP, 2009.

\_\_\_\_\_. **Metamorfoses do espaço habitado**. Fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia. 2. ed. São Paulo, Hucitec, 1991. (série linha de frente)

\_\_\_\_\_. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.





SEN, Amartya Kumar. **Desenvolvimento como liberdade**. Companhia das Letras, 2000.

SILVA, Adriano Larentes da. **Fazendo cidade: memória e urbanização no extremo oeste catarinense**. Chapecó: Argos, 2010.

VOVELLE, Michel. **Ideologia e mentalidade**. São Paulo, Brasiliense, 1987.

WEIGMANN, Paulo Roberto; FLÔR, Rita de Cássia. **Manual de defesa de monografia dos cursos de especialização na modalidade a distância**. Florianópolis: IF-SC, 2012.

ZANELLA, Liane Carly Hermes. **Metodologia de Estudo e de Pesquisa em Administração**. Florianópolis: UFSC/ UAB, 2009.

#### **Sites Consultados:**

IBGE - Senso 2010. **Disponível em:** <http://www.ibge.gov.br/>  
**Acessado em:** 01/12/2012.

PMSMO – Histórico. **Disponível em:** <http://www.saomiguel.sc.gov.br/portal/>  
**Acessado em:** 01/12/2012.

GEOGRAFIA – Mapa. **Disponível em:** [http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:A1gina\\_principal](http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:A1gina_principal) **Acessado em:** 22/11/2012.

GOOGLE EARTH – Região de SMO. **Disponível em:** <http://www.google.com/earth/index.html> **Acessado em:** 15/ 11/ 2012.

#### **Documentos:**

PAULA, José Fabiano de. **IF-SC Câmpus São Miguel do Oeste: a história de um projeto em implantação**. São Miguel do Oeste, Assessoria de Direção, 04/09/2012.

